

RODRIGO FERREIRA TONIOL

**ENTRE PRÁTICAS ECOLÓGICAS E RELIGIOSAS: UMA
ETNOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA DE CAMINHADAS JUNTO A
ECOTURISTAS E PEREGRINOS**



Trabalho de Conclusão de Curso
Para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Sociais
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Departamento de Antropologia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Orientador: Carlos Alberto Steil

Porto Alegre

2009

ENTRE PRÁTICAS ECOLÓGICAS E RELIGIOSAS: UMA ETNOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA DE CAMINHADAS JUNTO A ECOTURISTAS E PEREGRINOS

Rodrigo Ferreira Toniol

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado por:

Prof. Dr. Carlos Alberto Steil (Orientador)

Profa. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho

Prof. Dr. José Rogério Lopes

Porto Alegre

2009

Resumo: Este trabalho é uma etnografia sobre a experiência de caminhadas em dois grupos distintos: o *Ecocaminhantes* e a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS). Procuro, aqui, compreender como na experiência dos caminhantes, em ambos os grupos, podem estar sobrepostos sentidos relacionados aos hábitos ecológicos e religiosos. Para tanto, privilegia-se na narrativa etnográfica as motivações, interesses e experiências dos caminhantes, buscando apreender os múltiplos sentidos atribuídos ao caminhar, que abriga significados distintos e mesmo contraditórios. A construção teórico-metodológica desta análise sedimenta-se na proposta do paradigma da corporeidade de Thomas Csordas que pretende, sobretudo, traduzir a fenomenologia para o campo antropológico e assim colapsar dicotomias como mente/corpo, natureza/cultura e sujeito/objeto.

Palavras-chaves: Ecologia, Religião, Corpo, Ecoturismo, Peregrinos.

AGRADECIMENTOS

Esse é um trabalho sobre caminhantes. Não haveria analogia mais propícia para descrever e agradecer o apoio de todos que tive nesses quatro anos de graduação e de Rio Grande do Sul. Tal como numa caminhada, experimentei nesse período a alegria de conhecer pessoas, a surpresa de reencontrar velhos conhecidos e a tristeza de perder de vista outros. Se esta caminhada começou a mil e duzentos quilômetros de onde estou agora foi somente porque pude contar com muitas pessoas que me deram lugar de descanso, me conduziram e me acompanharam pelo Caminho. Em primeiro lugar devo agradecer a todos os ecocaminhantes e peregrinos que construíram esse trabalho comigo e que sempre estiveram dispostos a colaborar. Tenham meus sinceros agradecimentos.

A ajuda de dois caminhantes que aceitaram os desafios dessa jornada foi fundamental, obrigado pai e mãe pelo apoio constante. Muitos caminhantes me relatavam que é difícil saber quando a caminhada terminou, qual deve ser o ponto de chegada? Compartilho com eles essa falta de clareza, mas estou seguro que essa caminhada e as escolhas das direções a serem tomadas serão compartilhadas com uma caminhante que fez com que o Rio Grande do Sul tomasse forma de “casa”, Nanda. Obrigado pelo carinho, paciência e estímulos que você sempre está pronta pra oferecer. Tenha certeza que os esforços dessa caminhada ficaram muito mais leves com sua presença e espero poder retribuir tudo isso. Tive ainda a sorte de conhecer não apenas uma pessoa muito importante, mas de ganhar uma família que prezo muito. Sou imensamente grato a vocês Thomas e Maria. Com eles ainda chegaram Ju e Elen que agradeço pela força e pelos finais de semana em Estrela que vocês sempre são capazes de animar, devo dizer que estimo muito a amizade de vocês.

Caminhar por lugares que não se conhece é sempre uma tarefa desafiadora. No entanto, ela pode ser amenizada por pessoas que apresentem algumas possíveis direções. Por isso sou extremamente grato ao Carlos que, além de um orientador e professor admirável, tornou-se, para mim, um amigo inestimável.

Este trabalho foi possível somente por causa da interlocução que pude manter com muitos grupos durante a graduação. Em primeiro lugar, o grupo de pesquisa “cultivo de si” que foi, sem dúvidas, uma das experiências mais agradáveis e frutíferas desses quatro anos. Agradeço a Bel e ao Carlos por conduzirem de modo tão exemplar e instigante as discussões naquele espaço. Esses encontros apenas se consolidaram dessa forma por causa da participação dos colegas de pesquisa,

com quem divido afinidades não apenas acadêmicas. Érica, Marden, Raquel, Renelle, Denise, Marcelo, Denise, Marcelo B.e Luiz Guilherme, tenho grande apreço pela amizade de vocês. Em segundo lugar, e não menos importante, agradeço a todos os pesquisadores do NER que tornaram aquele espaço, uma referência para mim. Ari, Bernardo, Carlos, José Rogério, Daniel Alves, Daniel De Bem, Mauro, Joeverson, Joana, muito obrigado por poder compartilhar com vocês tantas reflexões.

Nessa caminhada em terras desconhecidas, ainda tive o imenso prazer de conhecer alguns caminhantes com quem pretendo continuar encontrando muitas vezes. Luiza, Poli e Fran obrigado por dividirem dúvidas e idéias comigo, esse contato é sempre muito estimulante. Devo ainda agradecer a Alex por ter sido um amigo presente desde o primeiro semestre, obrigado por me provocar a explorar outros caminhos possíveis.

Como numa caminhada, algumas pessoas ficam mais distantes de nós, quase inalcançáveis, mas ainda assim muito presentes. Karen e Dani, tenho muito carinho por vocês dois e espero que essa amizade possa se concretizar em muitas comilanças ainda. Por fim, duas pessoas que sempre me acompanharam, que admiro e que considero verdadeiros irmãos Fábio e Fausto, obrigado por sempre estarem presentes em minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – ECOCAMINHANTES E PEREGRINOS: A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE CAMINHADAS NO RIO GRANDE DO SUL.....	13
1.1-O CAMINHO DE SANTIAGO NUM CONTEXTO DE NOVA ERA: CONTINUIDADES E RUPTURAS NUMA PEREGRINAÇÃO CRISTÃ.....	13
1.2 - A POPULARIZAÇÃO DO NOVO CAMINHO DE SANTIAGO E AS ASSOCIAÇÕES DO CAMINHO.....	16
1.3 - A FORMAÇÃO DO ECOCAMINHANTES.....	19
1.4 - PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	22
1.5 - SOBRE OS CIRCUITOS.....	24
1.6 - A PAISAGEM.....	28
CAPÍTULO II – PEREGRINAÇÕES E CORPOREIDADE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	31
2.1 POR QUE FALAR SOBRE PEREGRINAÇÃO?.....	31
2.2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE PEREGRINAÇÕES ..	32
2.3 O PARADIGMA DA CORPOREIDADE.....	35
CAPÍTULO III – “VAMOS CAIR NA TRILHA”: CORPO, SAÚDE E RELIGIÃO NA EXPERIÊNCIA DE UMA CAMINHADA ECOLÓGICA.	37
3.1 COMPRANDO UMA ECOCAMINHADA: O GRUPO E SEUS ATORES.....	37

3.2 OS LOCAIS EM QUE SE CAMINHA.....	40
3.3 À CAMINHO DA CAMINHADA.....	41
3.4 MODOS SOMÁTICOS DE ATENÇÃO E O PARADIGMA DA CORPOREIDADE: UMA BREVE RETOMADA.....	44
3.5 A EXAUSTÃO DOSCORPOS DOS CAMINHANTES E A VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA CAMINHADA.....	45
3.6 NATUREZA REVITALIZANTE.....	48
3.7 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CONTEXTO NOVA ERA.....	49
3.8 A RELAÇÃO CAMINHANTE-NATUREZA COMO UM MODO SOMÁTICO DE ATENÇÃO.....	50
CAPÍTULO IV – CAMINHANDO NUMA ASSOCIAÇÃO DE PEREGRINOS.....	54
4.1 O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	54
4.2 O CAMINHO DE SANTIAGO NO BRASIL.....	55
4.3 TURISMO, RELIGIOSIDADE E MERCADO ENTRE OS PEREGRINOS.....	57
4.4 “QUEM DE VOCÊS É PEREGRINO?”	60
4.4 AS EXPERIÊNCIAS DOS PEREGRINOS NUM CONTEXTO NOVA ERA.....	63
À GUIA DE UMA CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

Esta é uma etnografia sobre a experiência de caminhadas em dois grupos distintos: o *Ecocaminhantes* e a *Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul* (ACASARGS). Expõem-se algumas das contribuições que tenho oferecido para o projeto *O “Cultivo de Si” nas Paisagens da Ecologia e do Sagrado* cujo um dos principais interesses é investigar as experiências religiosas de sujeitos e grupos ecologicamente orientados e também as práticas ecológicas daqueles que situam na natureza o lócus de suas relações com o sagrado.

Por conta desses interesses de pesquisa, elegi dois grupos de caminhadas, com propostas aparentemente distintas, como universos de investigação. Por um lado, o *Ecocaminhantes*, uma empresa de turismo ecológico que promove trilhas em meio à natureza, e, por outro, a *Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Rio Grande do Sul*, uma organização sem fins lucrativos que divulga e promove caminhadas tendo como foco sujeitos que estão se preparando para a peregrinação em Santiago¹. Embora seja um trabalho que toma como foco de interesse empírico dois grupos que promovem caminhadas, esta etnografia procura avançar mais na direção de uma investigação sobre a experiência da caminhada para os caminhantes, do que na de uma descrição da dinâmica organizacional de cada um desses grupos. Dessa forma, assume-se como principal objetivo desta monografia compreender como, na experiência dos caminhantes em ambos os grupos, podem estar sobrepostos sentidos relacionados aos hábitos ecológicos e religiosos. O que está em jogo, portanto, é apresentar, a partir da experiência etnográfica, possíveis atravessamentos que *a priori* parecem desconexos, mas que compõem para os caminhantes uma complexa trama de interesses, motivações e, sobretudo, experiências ao caminhar.

Alinhado com a proposta do paradigma da corporeidade de Thomas Csordas (2008), procuro compor a narrativa etnográfica tomando como ponto de partida as experiências daqueles que caminham nas suas condições de sujeitos urbanos, escolarizados, religiosos ou não, defensores da causa ecológica ou indiferentes a ela. Trata-se de explorar as experiências dos caminhantes não somente em relação à caminhada, mas também no modo pelo qual articulam, no

¹ O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação que surgiu na Idade Média e que conduz às relíquias de São Tiago.

corpo, práticas e pertencimentos de suas vidas cotidianas com aquilo que experimentam na caminhada em relação, por exemplo, à paisagem que os cercam, à noção de saúde e à memória.

Por meio deste esforço, pretendo me desviar da realização de uma análise que destaca as coesões, os aspectos estáticos e fixos da caminhada, buscando privilegiar a polifonia das experiências de caminhar. Assim, procuro desfazer a imagem de uma caravana que se desloca numa mesma direção tanto objetiva como simbólica, para conceber a caminhada como, retomando uma metáfora de Eade e Sallnow (1991), uma arena de disputas capaz de acolher tensões entre diferentes discursos, práticas e sentidos.

A possibilidade de se estabelecer uma interface entre religião e ecologia, sedimenta-se numa série de trabalhos (Carvalho, 2002; Carvalho e Steil, 2008; Magnani, 1999; Soares, 1994) que apontam para certa reordenação do mundo religioso que transformou, em determinados contextos, a relação humano-sagrado. Ao apontar para a incorporação de sistemas de crenças religiosas por parte de sujeitos e grupos ecologicamente orientados, alguns autores têm compreendido a associação entre ecologia e religião como parte de certa ascese ecológica em que atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente promovem uma espécie de sacralização da natureza, fazendo com que esses sujeitos concebam-na como investida de forças sobrenaturais. Um dos principais modelos analíticos para se pensar experiências religiosas na natureza é o de Campbell (1997) que sugere que as compreendamos como sendo fruto do “espírito de um tempo”. O autor aponta para um processo que denomina de “orientalização do Ocidente”, sugerindo que o paradigma cultural e a teodicéia que tem sustentado as práticas e concepções ocidentais está sendo substituído por um paradigma que tradicionalmente caracterizou o Oriente. O que é central nesta transformação é o deslocamento da noção ocidental de religião - tradicionalmente concebida como transcendente - para uma imanência, característica de concepções Orientais.

Conforme essa perspectiva, uma das conseqüências do fenômeno descrito é a mudança do espaço ocupado por Deus. Nesse contexto, Deus deixa de estar num plano fora do mundo e passa, aos poucos, a dar lugar a um Deus "no mundo" podendo ser acessado a partir de experiências particulares de caráter místico e energético, fruto, especialmente, de um maior contato com a natureza. Refletir sobre esse processo é, basicamente, realizar um esforço para compreender como a centralidade do sagrado foi dando lugar a uma experiência de sacralidade mais difusa que tem a natureza como espaço privilegiado de manifestação (Carvalho e Steil, 2008). A imanência

é uma das características dos novos arranjos religiosos que permitem aos sujeitos buscarem na natureza uma espécie de realinhamento com o sagrado. Entretanto, esse não é o único elemento definidor das crenças que compõem o panorama religioso contemporâneo. A ele também está relacionado o processo de autonomização do indivíduo em compor seu próprio sistema de crenças (Hervieu-Léger, 2008)². O que este processo sugere é que tanto a experiência religiosa passa a ocorrer no plano da intimidade do sujeito, como também a certificação da verdade deixa de estar submetida a normalizações institucionalizadas, podendo ser atestada pelo próprio indivíduo – tratam-se das chamadas religiões do *self* (Steil, 1999; 2004; 2006). Nesses contextos, as experiências dos sujeitos são os próprios princípios geradores de autenticidade da relação que se estabelece com o sagrado.

Antes de iniciar a apresentação desta pesquisa a partir de longas reflexões sobre a relação sagrado-natureza, sobre a organização dos próprios grupos de caminhadas ou mesmo sobre os relatos que colhi dos caminhantes, tomarei como ponto de partida minha própria condição de pesquisador naquele contexto. Mais do que estética, a necessidade de fazê-lo é metodológica, uma vez que levanta questões fundamentais sobre o relacionamento sujeito-objeto tão caras à antropologia fenomenológica de Csordas.

Ao longo de um ano e meio de trabalho de campo – iniciado em fevereiro de 2008 e finalizado em novembro de 2009 – realizei dez caminhadas, participei de diversas reuniões dedicadas a preparar peregrinos iniciantes, confraternizações para receber caminhantes regressos de longas viagens e festas de despedidas. Pude eu mesmo, depois de muitos desconfortos musculares, desânimos e frustrações traduzidas na minha incapacidade física em realizar mais que uma caminhada por mês, confrontar-me, com o meu próprio corpo, com os limites físicos que ele impunha-me e, com isso, aproximar-me da prática de caminhadas, a partir da reflexão sobre o modo pelo qual minhas próprias experiências corporais foram sendo padronizadas naquela prática³. Para pesquisar caminhantes, fui convocado a caminhar, a engajar meu próprio corpo naquele contexto etnográfico e concebê-lo não apenas como objeto para reflexão, mas também como instrumento analítico. No que diz respeito à produção da narrativa etnográfica, isso implica expor também minhas próprias experiências, expectativas e sensibilidades ao caminhar.

² As religiões afro-brasileiras, por exemplo, apesar de considerarem os Orixás como entidades imanentes não são, a princípio, religiões que compõe este novo quadro de crenças que procuramos descrever.

³ Neste mesmo sentido, Wacquant (2002) relata, em sua etnografia entre boxeadores, como teve que confrontar-se com seu próprio corpo para leva a cabo sua pesquisa.

Assumir a perspectiva de que não estudo *os* caminhantes, mas *com* os caminhantes. Foi somente assim que pude tomar como principal diretriz metodológica deste trabalho, conceber o corpo como base existencial da cultura, “não como um objeto que é bom para pensar, mas como um sujeito que é necessário para ser” (Csordas, 2008:367).

Durante o período de pesquisa, pude aproximar-me dos grupos e afinar minha percepção sobre a prática de caminhadas, passando a compreender melhor sua pedagogia que fabrica caminhantes, constitui sentidos estéticos, ecológicos, religiosos. Ao me situar como parte integrante desse processo pude também construir vínculos de amizade com os caminhantes e tornar-me, no ano de 2008, uma das dez pessoas que mais fez trilhas com os *Ecocaminhantes*. Em diversos momentos da pesquisa os caminhantes fizeram com que me sentisse parte de seus grupos, compartilhando comigo seus projetos, seus dramas pessoais, suas dores. Numa dessas ocasiões de aproximação entre Eu e Eles, Gilberto, um caminhante que já havia feito trilhas na Patagônia, Nepal e Tanzânia, entregou-me, no final de uma caminhada em Cambará (RS), seu moderno bastão de carbono, usado para dar apoio ao corpo, e disse “você já é um caminhante, caminhei com esse bastão no Nepal e agora é seu”.

Realizar caminhadas tanto com os *Ecocaminhantes* como com a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS), não apenas conduziram-me a cultivar hábitos relacionados a meu condicionamento físico, como também a me interar que um vasto repertório de destinos comumente percorridos por esses sujeitos. Tive que estudar as rotas do Caminho de Santiago de Compostela para conversar com meus interlocutores sobre os trajetos mais bonitos, os mais longos, os mais difíceis. Passei a participar de listas de discussões na Internet em que as pessoas divulgam seus roteiros, discutem sobre o peso ideal da mochila, o calçado mais adequado, as novidades tecnológicas para caminhantes, etc⁴. A caminhada deixou de ser experienciada como um evento pontual e isolado, incorporei-a ao meu cotidiano. Dessa forma, procurei levar a sério a proposta de Csordas e conceber sujeito e objeto, não como partes distinguíveis entre si, mas sim, pensá-las como apenas estando no mundo. E no mundo vivido, os Outros não são percebidos como objetos, apenas se constituem como tal de forma secundária, como resultado da reflexão.

A corporeidade como um paradigma para a antropologia não apenas sugere novas chaves

⁴ Recebia notícias e participava das discussões, especialmente, em duas listas de e-mails sobre caminhadas: caminhantes-do-brasil@yahoogrupos.com.br e Santiago@yahoogrupos.com.br.

analíticas para se compreender algumas de suas principais questões, como também propõe a construção de etnografias que se constituam como relatos fenomenológicos, buscando, sobretudo, o colapso de dualidades. Assim, por um lado, parte do meu esforço é o de refletir sobre a dimensão que a experiência do pesquisador ocupa no fazer etnográfico, buscando situar-me não na condição de decifrador do campo, das relações ali estabelecidas, das “piscadelas”⁵, mas sim, enquanto sujeito também sensível e senciante na sua condição de ser no mundo. E por outro, o de construir uma narrativa que privilegie, sobretudo, a experiência perceptual dos objetos naquele determinado contexto.

Ao assumir essa proposta, deparo-me com o desafio de produzir uma descrição somática tendo ao meu dispor um diminuto arcabouço de termos antropológicos que privilegiam a experiência dos sujeitos e não o modo pelo qual significam, refletem, representam o mundo que os cerca. Esse empreendimento desloca o ímpeto científico em apreender a totalidade dos fenômenos observados para a construção de uma narrativa que busque os pontos de fuga, o fluxo, enfim, que aceite a indeterminação como inevitável condição da descrição etnográfica. Busquei evitar, na escrita etnográfica, o congelamento das experiências desses sujeitos que conheci, observei e refleti no movimento, nas caminhadas.

No primeiro capítulo, procuro apresentar alguns aspectos gerais sobre a formação dos grupos estudados, bem como situar o Caminho de Santiago como uma peregrinação de referência no mundo cristão e a consolidação do ecoturismo no Brasil. Ainda nesse capítulo, exponho a elaboração dos caminhantes quanto às suas motivações, interesses e percepções em jogo nas caminhadas. No capítulo dois, aponto para algumas perspectivas teóricas que se debruçaram sobre o fenômeno das peregrinações e também faço uma breve apresentação de alguns elementos centrais do *paradigma da corporeidade*, tal como o concebe Thomas Csordas. Nos capítulos três e quatro, respectivamente, exponho notas etnográficas sobre as caminhadas com os *Ecocaminhantes* e com a ACASARGS. Finalizo, com uma breve conclusão na qual teço algumas considerações sobre o processo de elaboração desse trabalho, bem como procuro sintetizar algumas questões sobre as possíveis interfaces entre o ecológico e o religioso na experiência de caminhadas.

⁵ Faço referência ao texto “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” (1989) no qual Clifford Geertz sugere que o antropólogo seja aquele capaz de decifrar se uma “piscadela” é um cacoete, um sinal de confiança ou uma imitação exagerada.

CAPÍTULO I – ECOCAMINHANTES E PEREGRINOS: A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE CAMINHADAS NO RIO GRANDE DO SUL

1.1 O CAMINHO DE SANTIAGO NUM CONTEXTO DE NOVA ERA: CONTINUIDADES E RUPTURAS NUMA PEREGRINAÇÃO CRISTÃ

A raiz etimológica do termo “peregrinação” deriva do vocábulo latino *peregrinus* que significa “o estrangeiro, aquele que vive alhures e que não pertence à sociedade autóctone estabelecida, ou seja, é aquele que, pela força do prefixo percorreu um espaço e, neste espaço, encontra o outro” (Dupront apud Steil, 2003, p.30). Ao buscar aspectos característicos desse fenômeno por meio de raízes etimológicas, alguns autores (Frey, 1998; Carneiro, 2007; Steil, 2003) têm destacado a relação entre peregrino e o encontro com “o outro” como indicativo de um duplo aspecto. Por um lado, esse encontro remete às dificuldades objetivas da jornada empreendida pelo peregrino que, ao percorrer lugares desconhecidos e enfrentar as adversidades desse exercício de encontro, termina por imprimir nessa viagem características de uma Odisséia heróica. E, por outro, refere-se ao ato de transformação de si alcançado por meio de um deslocamento do “eu” em busca do “outro”, constituindo um percurso interior, de cunho místico e ascético, a ser realizado por àquele que peregrina.

Nancy Frey, ao investigar “histórias de peregrinos” (1998) do Caminho de Santiago, demonstra como a peregrinação se inicia num período muito anterior à ida efetiva do peregrino à Santiago. O movimento físico no Caminho é antecipado por uma espécie de movimento interno que convoca o peregrino a refletir sobre si, colocar em cheque seus “apegos” obrigando-o a decidir, por exemplo, o que levará na mochila durante os trinta e dois dias de caminhada.

Essa convocação ao “desapego” se apresenta aos sujeitos como um exercício não habitual, contrastivo com relação a sua vida cotidiana. A emergência desse contraste com o que é rotineiro, por sua vez, é o próprio ponto de partida para Nelson Graburn definir, em seu texto seminal “Turism: the sacred journey”(1989), o que seja turismo. Para Graburn, eventos turísticos se definem enquanto tais por sua característica de ser um não-trabalho, um contraponto com aquilo

que é diário.

O tipo de perspectiva lançada por Graburn destaca os aspectos relacionais entre eventos turísticos, sejam eles religiosos ou não, com aquilo que é vivido no cotidiano e, portanto, regulado. Outra contribuição importante para o desenvolvimento da noção de turismo nas ciências sociais, foi dada por John Urry(2001). Para Urry,

[o turismo] se refere ao consumo de bens e de serviços que, em certo sentido, são desnecessários. São consumidos porque geram supostamente experiências prazerosas, diferentes daquelas com que nos deparamos na vida cotidiana. E, no entanto, pelo menos parte dessas experiências consiste em lançar um olhar ou encarar um conjunto de diferentes cenários, paisagens ou visitas de cidades que se situam fora daquilo que, para nós, é comum (Urry, 2001, p.15)

Desse modo, o “olhar turista” não se constitui como único, universal, presente em toda extensão social, mas sim como uma forma de apreciação definida, sobretudo, por meio do contraste com aquilo que é, para o turista, cotidiano. A constituição do “olhar do turista” depende, portanto, de experiências não-turísticas. Assim, é, justamente, a partir de uma relação contrastiva com aquilo que é habitual que práticas turísticas podem se inscrever na ordem do extraordinário.

No que diz respeito ao contexto etnográfico do Caminho de Santiago descrito por Carneiro, o deslocamento realizado pelos peregrinos constitui-se como um momento de suspensão das referências espaços-temporais já rotinizadas. E nesse sentido, é justamente essa suspensão que permite, segundo a autora, a elaboração de uma prática egocentrada em que o que está em jogo é uma constante reflexão sobre si (Carneiro, 2007).

Embora essa “viagem para o interior de si” seja característica marcante de um determinado conjunto de peregrinações cristãs, algumas propriedades distintivas do Caminho de Santiago transformam-no em um *locus* privilegiado para se observar a incorporação, pelo catolicismo, de novas estruturas de sentido. De algum modo, o que permite lançar esse tipo de olhar sobre eventos de peregrinação é a concepção de um modelo religioso capaz de abrigar experiências heterogêneas com o sagrado. O catolicismo, nesse caso, expande-se para além dos marcos dogmáticos da institucionalidade Católica podendo, ao mesmo tempo, ter assegurado a continuidade de determinadas formas históricas da peregrinação cristã a partir, justamente, da descontinuidade de algumas das características desses eventos. Semelhanças e dessemelhanças, permanências e modificações, não se relacionam, portanto, enquanto tensões bem delimitadas de

soma zero que ora pendem mais para um lado, ora para outro numa linha do tempo unidimensional, mas coexistem, contraditoriamente, em suas temporalidades.

Nesse panorama, o Caminho de Santiago assume um papel ambivalente. A permanência de certas qualidades distintivas das peregrinações cristãs – “uma busca mística de si, como uma jornada de santificação que encontra seu ponto de chegada no reconhecimento de uma divindade que se manifesta no interior de cada devoto” (Steil, 2003) – também permite que essa mesma característica se modifique na experiência religiosa dos peregrinos associados a contextos culturais específicos. Grosso modo, apesar do termo não ser consensual, essas novas estruturas de sentido dizem respeito a práticas dos peregrinos que parecem estar afinadas com certo “espírito Nova Era”.

A reapropriação do Caminho de Santiago a partir desse contexto pode ser caracterizada, sobretudo, pela autonomização da experiência religiosa do peregrino frente a normalizações institucionais e pela busca pelo aperfeiçoamento de si. Processo que parece estar relacionado com uma transformação mais ampla do cenário religioso contemporâneo, da qual falaremos noutro momento. Já a consagração do Caminho de Santiago⁶ como ícone dessas novas formas de relação com o sagrado, foi acompanhado pela produção de best-sellers⁷, documentários, somados a um oportunismo do mercado turístico que ajudou a transformar a Rota Jacobea⁸ num local emblemático entre àqueles que compartilham valores como culto ao corpo e valorização de experiências individuais.

⁶ Sandra de Sá Carneiro propõe uma divisão em seis fases histórica do Caminho de Santiago. “A primeira fase vai do descobrimento do sepulcro até meados do século X, em que se iniciam as peregrinações a partir dos países estrangeiros; A segunda fase vai desde esse momento até o século XI, quando se entra na segunda fase de formação ou expansão do fenômeno; A terceira fase abrange os séculos XII, XIII e XIV, que constituem o esplendor das peregrinações jacobeanas; A quarta fase está situada entre meados do século XIV até princípios do século XVI, esta é a fase mais crítica do fenômeno; A quinta fase vai desde o século XVI até praticamente o século XX; A sexta fase situa-se no século XX, quando começa o processo de revitalização sob novos padrões simbólicos, religiosos, sociais e culturais” (Carneiro, 2007, p. 66)

⁷ Um dos principais livros que promoveram o Caminho de Santiago no mundo foi o “Diário de um Mago” de Paulo Coelho, publicado pela primeira vez em 1987 e traduzido para 21 línguas.

⁸ Rota Jacobea é o nome como era conhecido o Caminho de Santiago durante a Idade Média. Assim ficou conhecida a rota de peregrinação após o papa Calixto II, no século XIII, considera-la uma forma de obtenção de indulgência plenária. Os termos Rota Jacobea e Caminho de Santiago são usados, atualmente, como sinônimos.

1.2 A POPULARIZAÇÃO DO NOVO CAMINHO DE SANTIAGO E AS ASSOCIAÇÕES DO CAMINHO

A popularização do Caminho de Santiago de Compostela pode ser expressa por meio de alguns números fornecidos pela Xunta da Galícia⁹ os quais nos mostram que no ano de 1986 o Caminho recebeu 1461 peregrinos, saltando dez anos mais tarde (1996) para 23.218 e atingindo, em 2004, a marca de 179.944 peregrinos (Carneiro, 2007). Somente em agosto de 2009, segundo números fornecidos pela oficina *do peregrinaciones*¹⁰, 35.071 peregrinos fizeram o Caminho de Santiago. Uma das causas dessa mudança foi o investimento do Ministério do Turismo do governo espanhol na criação, em todo mundo, das chamadas Associações dos Amigos do Caminho de Santiago (AACS).

No Brasil, essa organização sem fins lucrativos possui uma sede nacional no Rio de Janeiro, Associação Brasileira dos Amigos Caminho de Santiago (AACSB), e dezenas de filiais em todas as regiões do país. A AACSB estabelece diretrizes para as atividades de suas regionais que devem se concentrar, sobretudo, na promoção do “encontro de pessoas e grupos interessados no percurso, na preservação e na divulgação do Caminho de Santiago de Compostela”¹¹. Num documento que orienta as atividades das associações, a AACSB pontua:

Nossa ação voluntária, oferece elementos de ajuda e facilidades para que a peregrinação seja uma oportunidade de crescimento espiritual, cultural e comunitário. Estas ações acontecem, principalmente, através de palestras para futuros peregrinos, com orientações sobre a peregrinação, refúgios, equipamentos, saúde, comportamento, sinalização etc. Periodicamente realizamos caminhadas de condicionamento. Somos autorizados pela Oficina de Peregrinos a emitir a Credencial do Peregrino, serviço que prestamos gratuitamente, sendo cobradas unicamente as despesas postais de remessa. Disponibilizamos, na Internet, um website - www.caminhodesantiago.org.br, com todas as informações necessárias para os peregrinos, o que permite aos residentes fora da área onde se localiza nossa sede, no Rio de Janeiro, acesso aos dados necessários para sua peregrinação, incluindo pesquisas constantes de preços mais acessíveis das passagens aéreas rumo à Espanha.

⁹ A *Xunta de Galícia* é um colegiado do governo da Galícia responsável por promover as atividades relacionadas ao Caminho de Santiago que são de interesse da província espanhola.

¹⁰ Oficina de peregrinaciones é uma organização que tem como objetivos, segundo o site www.peregrinando.org, “conservar, proteger e fomentar o Caminho de Santiago e coordenar o voluntariado, ampliando-o ao Brasil, Itália e outros países, criando assim uma rede de Voluntários para a execução de todos os fins e objetivos de seus estatutos”.

¹¹ Fonte: <http://www.santiago.org.br/> (consultado em 15/08/2009)

Além das facilidades direcionadas à peregrinação pelos Caminhos de Santiago, a AASC Brasil incentiva o conhecimento da sua história, cultura e a manutenção das tradições relacionadas com a Rota Jacobea. Consideramos que devem ser mantidos os sentimentos de solidariedade, acolhida e de hospitalidade inerentes ao espírito das peregrinações compostelanas, principalmente nos refúgios onde os peregrinos descansam de sua jornada; e serem preservadas a arte, arquitetura e recursos naturais por onde atravessam as diversas rotas rumo à Santiago de Compostela. A Associação pretende desenvolver atividades e campanhas que minimizem as possibilidades de ações e usos não sustentáveis que possam afetar a integridade destes valores.

Estamos associando nossas ações às pessoas físicas e jurídicas, nacionais e estrangeiras, principalmente às associações congêneres, no intuito de promover uma eficiente troca de informações direcionadas a maior atualização possível das informações a serem fornecidas aos que estão se preparando para a peregrinação.

De modo geral, as atividades das associações consistem na realização de caminhadas que reproduzem, em alguma medida, na paisagem, as dificuldades e as distâncias que o peregrino enfrentará diariamente enquanto estiver percorrendo os quase 800 quilômetros do Caminho¹². Além de preparar aqueles que estão indo para Santiago, as AACs reúnem também, por meio de reuniões mensais e caminhadas periódicas de um dia, aqueles que já “fizeram” o Caminho. As despesas de manutenção das AACs são cobertas pelos associados que contribuem anualmente com determinado valor, o que lhes dá direito a dois benefícios: o primeiro são descontos nas atividades realizadas pela Associação durante o ano, como, por exemplo, as caminhadas periódicas; o segundo, é a possibilidade de votar e disputar cargos administrativos da Associação. Com uma frequência bianual, as AACs elegem, entre os sócios, um conselho diretor que coordenará todas as atividades do grupo por aquele período.

Na cidade de Porto Alegre, a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul (ACASARGS) tem sua sede na Igreja Nossa Senhora da Piedade onde se realizam reuniões mensais voltadas tanto àqueles que irão à Santiago e que poderão, nesses encontros, receber dicas, como também àqueles que querem relatar ao grupo suas experiências no Caminho¹³. A ACASARGS também atua como uma espécie de agência autorizada do Caminho de Santiago, distribuindo a “Credencial do Peregrino”, documento que será carimbado ao longo do trajeto em Santiago e comprovará a distância e os lugares percorridos. Além de ser um objeto

¹² Existem, ao menos, nove rotas que levam a Igreja de Santiago de Compostela, sendo a mais popular entre os brasileiros o Caminho Francês.

¹³ Estas dicas vão desde longas discussões a respeito de que calçado usar, ou quantas calças levar até albergues que se deve ficar e pessoas que se deve procurar.

de recordação e estima, a credencial também permite que o peregrino receba, na Igreja de Santiago, a Compostelana¹⁴.

Com uma agenda de uma caminhada por mês, que custam entre R\$ 50 a R\$ 70,00, as atividades da ACASARGS reúnem por volta de quarenta participantes que se interam do cronograma dos eventos por meio de correio eletrônico, de um website¹⁵ e de reuniões mensais. Para cada uma das caminhadas, constitui-se um grupo predominantemente composto por peregrinos que já fizeram o Caminho em idade entre quarenta e sessenta anos. A maior parte dessas atividades tem duração de um dia e ocorrem em cidades do entorno de Porto Alegre (RS) como Santo Antônio da Patrulha, Viamão e Novo Hamburgo.

As caminhadas da ACASARGS podem ser descritas, genericamente, como extensas distâncias percorridas ao longo de um único dia, por grandes grupos numa estrada rural sinalizada com setas amarelas, como as existentes no Caminho de Santiago. Com essas marcações, a presença de guias que orientem a direção correta a ser tomada pode ser dispensada, permitindo, assim, que se caminhe sozinho – como a maior parte dos peregrinos faz em Santiago. Durante essas caminhadas, diversos são os aspectos que remetem os peregrinos ao Caminho: as conversas, alguns objetos como cajados que os sujeitos usaram na peregrinação, amuletos, conchas de vieira presas à mochila¹⁶, a paisagem, etc.

Ao assumir como horizonte de pesquisa a possibilidade de interfaces entre ecologia e religião na experiência de caminhadas, sugerimos que grupos e sujeitos ecologicamente orientados têm seu ideário atravessado por certo espírito religioso, bem como grupos religiosos passaram a incorporar práticas ecológicas. Se uma das principais investidas desse trabalho é a de refletir sobre esse caminho de “mão dupla”, gerador de imbricamentos destes dois universos de sentido, a própria consolidação da ACASARGS e o surgimento do grupo de caminhadas ecológicas *Ecocaminhantes* parece nos oferecer algumas pistas a serem perseguidas.

¹⁴ A compostelana é um documento fornecido pela Igreja que certifica a realização da peregrinação. Para recebê-la o peregrino precisa: apresentar um documento chamado credencial do peregrino que comprova os locais em que se passou durante a peregrinação, dizer que uma das razões para a realização da peregrinação foi religiosa e provar que percorreu os últimos 100 Km, para os que estão a pé, e 200 Km, para os que estão de bicicleta ou a cavalo, sem auxílio de transportes motorizados.

¹⁵ <http://www.santiagoperegrino.com.br>

¹⁶ Trata-se de um símbolo do Caminho de Santiago muito difundido entre os peregrinos. Sua origem é pagã e, durante a Idade média, era usada entre os cristãos como forma de identificação.

1.3 A FORMAÇÃO DO ECOCAMINHANTES

Desde 1994, segundo dados da OMT (Organização Mundial do Turismo)¹⁷, o ecoturismo tem um crescimento constante de 20% ao ano em todo o mundo. Apesar de escassos, os indicadores sobre este segmento no Brasil, também apontam para um aumento no número de agências, operadoras e grupos especializados em oferecer atividades de turismo e de lazer em meio à natureza. Sob certo aspecto, esse aumento foi impulsionado, nos últimos quinze anos, pela criação de unidades de conservação ambiental ou mesmo pelas adaptações infra-estruturais em algumas cidades como, por exemplo, Bauru (SP), Bonito (MT) e Três Coroas (RS) que buscaram atender a demandas específicas do ecoturismo. Ademais, as atividades propostas se diversificaram e assim, determinadas parcelas da população como a terceira idade, que até então estavam fora do alcance deste mercado, tornaram-se ecoturistas em potencial. Conforme a EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo)¹⁸, as caminhadas na natureza passaram a ser uma das práticas mais procuradas do ramo, contribuindo para um salto na geração de recursos deste segmento que passou de R\$ 2,2 bilhões em 1994 para pouco mais de R\$ 15 bilhões em 2007¹⁹.

No entanto, o aumento na procura por esse tipo de atividade, que impulsiona os investimentos no setor, insere-se e acompanha uma lógica de transformações históricas nas relações humanos-natureza que, repletas de disputas e conflitos, promoveram, especialmente a partir da década de 1970, a expansão de certo ideário ecológico (Carvalho, 2002; Thomas, 1988). Os movimentos alinhados com a contracultura foram importantes nesse processo de contestação das perspectivas que tomavam a natureza como manancial de recursos para uso humano e passaram a concebê-la como espaço privilegiado para a harmonização da vida cotidiana, contribuindo, assim, para a expansão de determinadas sensibilidades relacionadas ao meio ambiente.

¹⁷ Fonte: <http://www.unwto.org/index.php> (consultado em 08/05/2009)

¹⁸ Fonte: <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html> (consultado em 08/05/2009)

¹⁹ Fonte: <http://www.turismo.gov.br/> (consultado em 08/05/2009)

O grupo *Ecocaminhantes* consolidou-se como uma das principais empresas de trilhas ecológicas do Rio Grande do Sul, mantendo uma agenda de atividades com a média de duas caminhadas por mês. Os destinos e a duração dessas atividades são variados, podendo acontecer ao longo de um único dia em cidades do entorno de Porto Alegre; durante um final de semana ou feriado em localidades mais distantes da capital gaúcha como São José dos Ausentes (RS); ou ainda, podem ser caminhadas com mais de uma semana de duração, em locais de outros estados e países, tais como: Chapada Diamantina (BA), Deserto do Atacama (Chile), Aconcágua (Argentina) e diversos parques na África do Sul. Para cada uma destas atividades constitui-se um grupo com de cerca trinta pessoas, sendo a maioria deles composto por mulheres com ensino superior, idade entre trinta e cinquenta anos, solteiras e residentes em grandes cidades²⁰. Fundada e administrada por um grupo de amigos que também são praticantes de caminhadas, a *Ecocaminhantes* presta um serviço profissionalizado em que o contato dos clientes com a empresa é feito apenas virtualmente – desde a inscrição para participação nas caminhadas até os trâmites bancários – por meio de um website²¹.

Ao constituir-se como uma empresa de ecoturismo, a *Ecocaminhantes* passou a operar em uma faixa de preço que varia entre R\$250 a R\$300 para uma caminhada de um final de semana. Ainda que os destinos sejam variados, estas atividades podem ser descritas como de médias distâncias²² percorridas em trilhas com mata fechada ou em extensos descampados, como os campos localizados na serra gaúcha e regiões litorâneas pouco habitadas. Estes grupos não passam de trinta pessoas e são sempre orientados por guias que os auxiliam ao longo do trajeto.

No que diz respeito à formação do *Ecocaminhantes*, esta deu-se, justamente, a partir da discordância entre alguns membros da ACASARGS com relação, por exemplo, aos roteiros de caminhadas, ao caráter turístico e ao enfoque religioso de suas atividades. A partir de então, três participantes da ACASARGS começaram a organizar suas próprias caminhadas, deixando de privilegiar estradas rurais parecidas com o Caminho de Santiago e passando a ter como foco, trilhas na natureza. Neste sentido, pensar a própria constituição do *Ecocaminhantes* pode fornecer uma chave interpretativa para, não somente situar a dimensão religiosa do campo ecológico,

²⁰ Estes dados foram fornecidos pela empresa *Ecocaminhantes* e estão publicados em Manieri (2008).

²¹ www.ecocaminhantes.com.br

²² As caminhadas têm em média 10 a 15 km.

como também para compreender as próprias transformações do campo religioso em direção a um movimento que aponta para a natureza como lugar do sagrado.

Assim, se, por um lado, a ACASARGS constitui-se como um grupo de caminhadas de orientação, *a priori*, religiosa, na qual o Caminho de Santiago de Compostela é uma das principais referências para seus integrantes, por outro, o *Ecocaminhantes* apresenta-se como um grupo que realiza trilhas ecológicas, pontuando entre os objetivos de suas atividades:

Organizar e promover caminhadas que permitam a integração entre os caminhantes e o meio ambiente; buscar percursos variados, onde o contato com a natureza esteja presente; incentivar e conscientizar sobre a importância de nosso ecossistema, despertando assim, uma consciência ecológica ²³.

Ao narrar os motivos que levaram Daniel, um dos fundadores da *Ecocaminhantes* e antigo responsável pela elaboração dos roteiros de caminhadas da ACASARGS, a deixar o grupo de peregrinos, Ana, também sócia da *Ecocaminhantes*, aponta:

Ele [Daniel] queria oferecer mais para as pessoas. Por exemplo, aquela coisa de a gente ir atrás de patrocínio, de poder dar lanche, de oferecer coisas melhores, de não pegar um ônibus comum da prefeitura, de dar um ônibus mais legal, de comer num lugar melhor. Ele queria outro público e poder fazer trilha que o pessoal da Associação não faz. Eles fazem caminho em estradinha rural. Sei lá, longos mas fáceis. (Ana)

A fala de Ana nos auxilia a apreender dois elementos importantes que consolidam alguns dos principais aspectos das experiências que estão em jogo nas caminhadas em ambos os grupos: o perfil de quem caminha e a paisagem em meio a qual se caminha.

²³ Fonte: www.ecocaminhantes.com.br (consultado em 28/10/2009)

1.4 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Apesar de diversas, as principais motivações que levaram tanto *ecocaminhantes*²⁴ como peregrinos a iniciarem a prática de caminhadas, está, na maioria das vezes, relacionada com alguma ruptura, com alguma transformação na vida destes sujeitos. A caminhada aparece, nesses casos, como uma espécie de demarcador destas mudanças. Vinícius, um advogado paulista de 33 anos que vem a Porto Alegre (RS) todos os meses para caminhar com o *Ecocaminhantes*, afirma:

Quando era mais novo eu caminhava, mas aí por causa de rumos que a vida tomou tive que parar. Agora faz três anos que me separei e tive um grave problema de saúde e então fiz uma reorientação de minha vida e a primeira coisa que fiz foi voltar a caminhar. (Vinícius)

Gilberto, outro ecocaminhante, conta que começou a caminhar depois de uma mudança em sua vida profissional e de uma separação conturbada:

Eu tinha uma empresa familiar, um hotel. Era um hotel médio, tinha 70 apartamentos, mas a gente ficava muito ligado e eu acho que foi no mês seguinte que terminou o hotel e pensei assim: - Pô, eu quero me dar um presente, quero me dar uma coisa prazerosa. Eu não gosto do verão, quero ir pra um lugar frio! E aí alguém me comentou assim “ah, tu não quer ir pra Patagônia caminhar?”. Como também tinha acabado de me separar decidi ir, pra mudar de vez. (Gilberto)

Juliana, uma professora de inglês aposentada que já fez o Caminho de Santiago duas vezes, além de ter sido hospiteira²⁵ em um albergue em Nájera na Espanha, ter feito um curso internacional sobre o Caminho na Universidade de Santiago de Compostela, ser membro do conselho fiscal da ACASARGS e também ecocaminhante, conta que começou a caminhar após uma depressão.

²⁴ Usarei o termo *ecocaminhantes* para indicar aqueles sujeitos que participam das caminhadas promovidas pela empresa *Ecocaminhantes*.

²⁵ Hospiteiros são voluntários que trabalham nos albergues espalhados ao longo do Caminho de Santiago recepcionando e acomodando os peregrinos que chegam.

Eu tive uma vez um problema de depressão e acho que, com isso, eu comecei a me antenar com essa coisa de caminhada, mais contato com a natureza e viver uma vida mais saudável .(Juliana)

Se, ao que parece, o início da caminhada dá-se, para alguns, a partir de momentos de transformação de determinados estados, a confirmação dessa mudança – narram os próprios caminhantes – ocorre por meio da manutenção da prática da caminhada. “Caminho porque gosto, agora faz parte de mim e me lembra quem sou”, diz Vinícius. É assim que a prática da caminhada torna-se uma constante na vida desses sujeitos e deixa de estar restrita apenas às atividades promovidas por empresas de ecoturismo e associações de peregrinos, passando a ser planejada por pequenos grupos que se formam a fim de realizar caminhadas pelo interior do estado ou mesmo grandes atividades para o exterior. A fala de Gilberto, participante do *Ecocaminhantes* há quatro anos, e de Juliana, participante da ACASARGS e do *Ecocaminhantes*, nos dá a dimensão de algumas destas caminhadas:

Então, daí começou a aparecer muitos passeios tipo esses do *Ecocaminhantes* de final de semana e, normalmente, coisas no interior do Estado. E foi muito legal. Eu acho que a maioria desses passeios eu já fiz. Aquilo ali vai numa progressão (...). No ano passado, por exemplo, a gente foi pra Tanzânia, fomos subir o Kilimanjaro, mas aí a gente começou a fazer as coisas por conta, porque fica muito mais barato (...). A gente fazia assim: um procura passagem, outro roteiro... (Gilberto)

O *Ecocaminhantes* pra um dia só eu acho que eles estão ficando caros. E eu tenho um grupo de amigos que a gente se reúne e faz caminhadas em Morro Reuter, numa caminhada da prefeitura de lá que tu paga a alimentação e o resto é de graça, paga uma taxinha pra uma camiseta, uma coisa assim. Quer dizer, tu gasta trinta reais e fica dois dias caminhando. Convive com um monte de gente. E também tem uma turma de Taquara que estão sempre organizando caminhadas e são pessoas muito queridas, eu caminhei com eles em Ivoti. Então é assim, junta o grupo e tu passa um fim de semana legal e barato. A gente começa a formar nossos grupos de caminhadas por afinidades né. (Juliana)

1.5 SOBRE OS CIRCUITOS

Tanto entre os peregrinos, como entre os ecocaminhantes a prática de caminhadas é uma constante e não está restrita às atividades promovidas pelos respectivos grupos. Ao que parece, há um verdadeiro circuito de atividades no qual os caminhantes estão inseridos. No entanto, ainda que seja possível estabelecer distinções entre essas práticas e seus praticantes, o que nos interessa não são tanto as diferenças entre elas, mas sim o que permite a formação desse conjunto. Isto é, aquilo que amálgama essas atividades e que possibilita aos sujeitos em questão percorrerem com aparente facilidade esses grupos. Perseguir os caminhantes nas suas narrativas acerca dos grupos com os quais interagiram para chegar, seja ao ecocaminhantes, seja a ACASARGS, parece oferecer-nos algumas pistas sobre alguns dos contornos desse circuito.

Gilberto narra o início de sua prática de caminhadas a partir do contato com um grupo de caminhadas ecológicas chamado Rota Alternativa²⁶, com o qual fez sua primeira caminhada, na Patagônia.

Acho que a Rota foi precursora do *Ecocaminhantes* (...) E aí eu comecei justamente no programa top deles [referindo-se à Patagônia]. Os proprietários são o Nelson e a esposa dele. Eu também era cliente deles mas agora viramos amigos, agora a gente faz passeios “extra Rota”, faz passeios por conta. A gente até está indo no mês que vem para o Vale do Pati (...). Daí eu acabei conhecendo um pessoal que já tinha caminhado com o Eco e então fui caminhar com eles também. (Gilberto)

Ana fez sua primeira caminhada com a ACASARGS a partir do convite de uma amiga e, já nessa caminhada, conheceu Daniel, seu atual marido, com quem fundou o *Ecocaminhantes*.

Primeiro, o que eu posso dizer é que eu não tinha o hábito da caminhada. Nunca tive. Aliás, eu sempre tive um hábito, uma vida meio sedentária. Ginástica sempre fiz por obrigação. Por saúde eu tinha que fazer, pra fazer alguma coisa mas eu nunca tive essa coisa de ginástica em si. Gostava de esportes e tal, sempre gostei muito do mar, dessas atividades onde vai todo mundo. Sempre gostei de umas coisas meio diferentes e acho que isso é de família, tenho dois irmãos velejadores, um é montanhista então todo mundo é meio ligado à natureza. Comecei sem querer a fazer caminhada porque uma

²⁶ Atualmente, essa empresa promove apenas caminhadas internacionais.

amiga minha namorava um rapaz que era o presidente, na época, da Associação do Caminho de Santiago de Compostela, muito amiga minha. E eles sempre organizavam as caminhadas e sempre me convidavam: -“vai!, vai!” Mas eu não tinha vontade, porque eu visualizava aquela coisa de caminho de Santiago, peregrinação, que não tinha nada a ver comigo : -“ não vou, não vou, não vou”. Daí um dia ela disse “-Vem me ajudar”. Porque era uma caminhada que tinha muita gente, era em Torres e eu “Tá, então vou pra te ajudar”. Daí fui caminhar e lá eu conheci o Daniel. Já na primeira caminhada. (Ana)

Fábio primeiro tomou contato com o Anamastê²⁷. Após uma passagem por esse grupo entrou na Biodança²⁸ e por meio de alguns amigos da Biodança, com quem planeja fazer o Caminho de Santiago em 2010, conheceu o *Ecocaminhantes*.

Faz seis meses que comecei a caminhar com os Eco e já fiz caminhadas lá no Morro Reuter, depois fui pra Florianópolis, Malacara, Praia Grande, Lagoa do Peixe e passei o ano novo com eles no Aconcágua. Mas tudo começou com um amigo meu do teatro, na verdade, um grupo que colocava muitos exercícios de preparação de ator na coisa da bioenergética que eles tinham aprendido lá no Anamastê, aí eu fiquei curioso. Aí eu fui lá e fiz seis aulas, eu não fiz as duas últimas. Fiz um trabalho fortíssimo e decidi me poupar. O trabalho de bioenergética é um trabalho forte que ativa emoções que tu não conhece. Depois conheci o pessoal da Biodança e aí fiz muitos trabalhos com eles, nesse ano agora vou pra Noruega e ano que vem pra Santiago. É que o pessoal lá da Biodança tem um lado de espiritualidade forte, na coisa do desapego. Eu acho que essa coisa das caminhadas, tem um lance inconsciente do desapego. O fato de tu sair da tua rotina é tu ter desapego a rotina, do conforto, aí acho que pega todos [esses grupos]. Mesmo aqueles que não sabem que é espiritualidade, eu acho que a questão do desapego está presente em todos [os grupos].

O ecocaminhantes pode ter uma intenção pedagógica na parte da ecologia, eles explicam algumas coisas e é ecoturismo, eles fizeram uma formação de ecoturismo então ali acho que há uma intenção pedagógica, mas pedagogia pra relações humanas ou terapia não é intenção deles. Mas no final todos grupos acabam sendo da mesma linha. Todos esses trabalhos procuram uma integração do homem com a natureza, uma parte menos artificial né. (Fábio)

Vinícius fez sua primeira caminhada no Passos de Anchieta²⁹, nessa peregrinação conheceu alguns gaúchos que já haviam feito caminhadas com o *Ecocaminhantes*.

²⁷ Anamastê é uma prática de terapia alternativa que passou a se difundir com mais vigor a partir dos anos 2000. “A proposta é a de alcançar, por meio de exercícios físicos, a saúde plena do espírito”. (fonte: www.anamastê.com.br – consultado em 28/06/2009)

²⁸ O primeiro centro de formação em Biodança no Brasil a define do seguinte modo: “Biodança, a dança da vida, é um sistema de autoconhecimento, de integração, renovação orgânica e crescimento pessoal. Através do afeto – por si mesmo, pelas pessoas, pela vida – os exercícios da Biodança, mediados pela música e pelo movimento, possibilitam o reforço da identidade: ser aquilo que se é, fazer o que se sonha, ter coragem para desenvolver os próprios potenciais.” (<http://www.biodanzabrasil.com.br/> – consultado em 28/06/2009)

²⁹ O caminho “Os Passos de Anchieta” reconstitui o trajeto percorrido habitualmente pelo Padre Anchieta no final do século XVI, no litoral do Espírito Santo. A rota estende-se por 105 quilômetros, margeando

Caminhei no Passos de Anchieta e um pessoal me comentou sobre os Eco. Agora todo mês venho pra cá caminhar. Sair na sexta-feira do escritório em São Paulo e dizer que vai fazer trilhas no Rio grande do Sul tem seu charme , né. (Vinícius)

Já Juliana começou a caminhar com o *Ecocaminhantes* por meio da indicação de uma sobrinha que conhecia o grupo. Depois de fazer algumas caminhadas começou a frequentar a Biodança com quem foi para o Caminho de Santiago pela primeira vez. Após seu retorno de Santiago entrou em contato com a ACASARGS.

Eu fazia Biodança com uma facilitadora muito legal, mas aí ela foi fazer uns cursos na Índia e acabou ficando por lá, se estabeleceu na Espanha e agora está em Ibiza. Continuei na Biodança e os facilitadores novos fizeram um projeto de aliar exercícios da Biodança com o Caminho de Santiago, foi aí que fui pela primeira vez. Mas eu já caminhava com o Eco antes disso. (Juliana)

Parece evidente, ao se avaliar os grupos pelos quais passaram os caminhantes até chegar ao *Ecocaminhantes* ou a ACASARGS, a existência de um trânsito livre, sem muitos constrangimentos morais, que permite a esses sujeitos começarem, pararem ou permanecerem participando das atividades de diversos grupos inadvertidamente. Exemplo disso é a participação simultânea de Juliana no *Ecocaminhantes* e na ACASARGS, ou, ainda, o contraste entre o caso de Fábio e Juliana, em que o primeiro chegou ao *Ecocaminhantes* por meio de amigos da Biodança e a segunda que somente após participar de caminhadas com o *Ecocaminhantes*, iniciou suas atividades na Biodança. Mas, afinal, o que permite essa mobilidade entre grupos? Quais são os contornos desse circuito? O que há de “solo comum” entre essas práticas?

Ao investigar como se dá a conformação de um circuito neo-esotérico que agrega práticas distintas de xamanismo urbano na cidade de São Paulo, Magnani (1999) afirma que um dos elementos que possibilita esse fenômeno é:

(...) a intensa movimentação entre xamãs nacionais e internacionais, seus auxiliares, contatos, clientes, donos de espaços neo-esôds e de sítios que sediam as vivências. Assim é formada a malha

todo o litoral desde Vitória até a cidade de Anchieta onde se encontra a Matriz erguida pelo padre e que foi a sua última residência.

ao longo da qual floresce esta particular modalidade de xamanismo, inventada a partir de elementos descritos em algumas obras consideradas clássicas, de ritos e crenças atribuídos a povos que ainda mantêm suas tradições e do multifacetado acervo mantido e continuamente realimentado pelo circuito neo-esô. (1999, p. 133).

Para Magnani (1999; 1999b), outro elemento que dá forma a esse circuito de práticas distintas de xamanismo urbano é a construção de certa continuidade no discurso dos grupos, instituições e “facilitadores” que privilegiam noções como a de comunidade, de indivíduo e de totalidade. A articulação desses três pólos, ainda que com variações, parece fornecer uma forma matriz que demarca alguns limites desse conjunto de práticas.

De certo modo, a articulação desses elementos – comunidade, indivíduo e totalidade – atravessam algumas das práticas em questão, no entanto, não como discurso norteador, mas como questões em voga que compõem um panorama mais amplo de transformações em alguns aspectos da espiritualidade dos sujeitos.

Ao que parece, esse circuito percorrido pelos caminhantes é composto por grupos que desenvolvem atividades sumariamente corporais. Na Biodança e no Anamastê, conforme explicaram Fábio e Juliana, pretende-se, por meio de exercícios físicos, alcançar determinados estados psíquicos, ativar sensações e experiências subjetivas a partir da exaustão. Já no *Ecocaminhantes*, na ACASARGS e no Passos de Anchieta a atividade principal é a caminhada. O que sugiro é que o corpo constitui-se como figura central nessas práticas. Trata-se, no entanto, mesmo nos casos citados de contato com o Caminho de Santiago e Passos de Anchieta, não de um corpo penitente, que deve se flagelar para que somente assim alcance uma redenção. O que está em jogo é um modelo de corpo e pessoa que buscam muito mais o *aperfeiçoamento de si* do que a indulgência.

Esse aperfeiçoamento refere-se à busca pelo acúmulo de uma saúde física que é também via de acesso às questões relativas à alma, sugerindo que haja nessas práticas – ainda que esse possa não ser um objetivo declarado de todos os grupos em questão – um viés terapêutico.

Os diferentes circuitos nos quais os caminhantes parecem estar inseridos trazem à tona outro elemento importante da prática de caminhadas na ACASARGS e no *Ecocaminhantes*: a paisagem.

1.6 A PAISAGEM

A centralidade atribuída à paisagem, ao buscarmos elementos para compreender a prática da caminhada, assenta-se nas idéias de autores como Tim Ingold (2000). Sua perspectiva afasta-se de concepções que tomam esses espaços como objetos, panos de fundo, palcos ou mesmo como um cenário inerte no qual que se inscrevem as relações sociais. Para Ingold, a paisagem é a própria *condição de ser* no mundo, onde cultura, natureza e sujeito estão entrelaçados. A paisagem é concebida, então, não enquanto elemento externo às relações, mas ela própria constitui e é constituída *pelas* relações daqueles que a habitam. Nas palavras de Ingold:

(...) nossa percepção do ambiente como um todo não provém de uma ascensão, de uma perspectiva panóptica e global, mas surge na passagem de um lugar para outro, e em histórias de movimento e de horizontes variáveis ao longo do caminho. (Ingold, 2005, p. 87)

Assim, é na medida em que estabelecemos relações, constituímos histórias, e percorremos a paisagem, que ela toma forma. Nesse sentido, apreender a experiência da caminhada para os caminhantes é um esforço que envolve, também, a maneira pela qual esses sujeitos se relacionam com a paisagem em que caminham. O que estamos assumindo é a paisagem não mais como externa aos humanos, mas como constitutiva das dinâmicas sociais e temporais daqueles que a habitam, bem como constituída pelas relações nela engajadas, tornando-se, em alguma medida, modificadora das práticas nela produzidas.

Ao justificar sua falta de interesse em fazer o Caminho de Santiago, Gilberto afirma: “Parece que a paisagem lá não é o *bixo* e nosso grupo valoriza muito a paisagem”. Ao saírem da ACASARGS os fundadores da *Ecocaminhantes* parecem ter deslocado a preocupação com elaborar roteiros que remetam ao Caminho de Santiago³⁰ para priorizar destinos que coloquem os

³⁰ As caminhadas promovidas pela ACASARGS consistem na realização de trajetos que reproduzem, em alguma medida, na paisagem, a dificuldade e as distâncias que o peregrino enfrentará diariamente enquanto estiver percorrendo os quase 800 quilômetros do Caminho espanhol. Os trajetos são sinalizados com setas amarelas, como as existentes no Caminho de Santiago, as quais auxiliam o peregrino a encontrar sozinho a rota correta que deve seguir. A colocação destes sinais são justificados pelos membros da diretoria do grupo como tentativas de tornar aquela caminhada mais parecida possível com o Caminho.

sujeitos em contato direto com certo tipo de paisagem ecológica, como é apresentado em seus objetivos³¹. Refere-se, em certo sentido, ao direcionamento da atenção perceptiva dos caminhantes para a paisagem da natureza, ecológica.

O que sugerimos é que há uma importante dimensão na prática de caminhadas ecológicas que promove sensibilidades, que educa a experiência e privilegia, na percepção da paisagem em que se caminha, alguns elementos valorizados por certo ideário ecológico. Assim, não é o fato de estar ambientada na natureza que faz da caminhada uma prática ecológica, mas constitui-se enquanto tal na medida em que promove e valoriza determinadas percepções desse tipo de paisagem.

Já as caminhadas da ACASARGS, ambientadas em estradas rurais e o cuidado da diretoria do grupo em ir ao local um dia antes para colocar faixas e setas amarelas no trajeto, são tentativas de tornar esses passeios os mais próximos possíveis do que é experienciado no Caminho.

Enquanto caminhavam, em Teutônia (RS), numa interminável subida, os peregrinos que já haviam ido à Santiago lembravam das dificuldades de atravessar, já no primeiro dia do Caminho, os Pirineus. Essas *memórias* são despertadas a cada reta, a cada novo detalhe que surge no ambiente em que se caminha. No meio de uma conversa que não era sequer sobre Santiago, uma peregrina me diz: “Essa estrada está muito parecida com uma região da Galícia na primavera”. Outra peregrina me fala sobre como as caminhadas que faz com a ACASARGS se relacionam com suas experiências no Caminho: “Isso daqui me lembra muito de quando fiz o Caminho. É uma pena, mas acho que não vou voltar pra lá tão cedo e pra quem ficou, o Caminho tem que ser feito aqui mesmo”.

Ao que parece, a paisagem das caminhadas promovidas pela ACASARGS estabelece uma significativa relação com a memória do peregrino, assumindo um sentido particular com a história do próprio indivíduo, presentificando seu passado em Santiago por meio do ambiente em que caminha no Brasil. Assim, caminhar por uma estrada como a que se caminhou em Santiago e

³¹ Conforme o website, os objetivos da *Ecocaminhantes* são: Organizar e promover caminhadas que permitam a integração entre os caminhantes e o meio ambiente; Buscar percursos variados, onde o contato com a natureza esteja presente; Incentivar e conscientizar sobre a importância de nosso ecossistema, despertando assim, uma consciência ecológica; Incentivar e conscientizar a prática da atividade física como manutenção da saúde mental e física; Permitir a participação de todos os caminhantes, independente da preparação física, idade e ritmo de caminhada;

com pessoas que também já “fizeram o Caminho”, parece imprimir, naquele contexto, uma série de sentidos que seriam acessíveis somente para àqueles que estão em Santiago.

Ana, uma das fundadoras do *Ecocaminhantes*, Fábio, também frequentador do *Ecocaminhantes* e Juliana, que caminha tanto com o *Ecocaminhantes* como com a ACASARGS, relatam sobre a relação entre a caminhada, paisagem e percepção:

É super importante na caminhada ter a paisagem, acho que é um momento que todo mundo pára, olha e relaxa. O pessoal fica curtindo, é necessário. Faz parte assim, pra sair um pouco da vida da cidade, porque caminhar por caminhar no meio do mato ou numa estradinha... Eu acho que tem que ter um atrativo como paisagens diferentes sempre: mar, serra, cânion. Os canyons, por exemplo, a caminhada em si é caminhada de campo o tempo inteiro, mas o que é legal é caminhar e no final tu ter a paisagem, sabe? Uma vista maravilhosa. (Ana)

Nossa sociedade está muito acostumada ao raciocínio, sempre olhamos pela lógica, e isso serve pra algumas coisas e outras não. Então a gente tem que treinar a percepção direta do mundo. Às vezes a gente está acostumado com uma rotina só, e nossa forma de perceber o mundo fica viciada né. Então, percepção é o carro chefe da caminhada. (Fábio)

Eu, sinceramente, não gosto de repetir paisagem, não gosto de fazer circuitos, de caminhar em círculos. Com os *Ecocaminhantes*, por exemplo, eu já fui duas vezes pra Fazenda Potrerinhos, mas lá é muito lindo, muito legal. Mas quando começa a repetir eu não vou mais. (Juliana)

Mesmo que essas posições possam marcar algumas descontinuidades entre as características e perfis dos sujeitos que participam dos diferentes grupos de caminhada apresentados, o que nos interessa aqui, sobretudo, são as continuidades, as possibilidades de sobreposições das experiências. Ao sugerir interfaces entre as dimensões ecológicas e religiosas, estamos apostando não nas transformações, mas, justamente, na permanência de determinadas sensibilidades em jogo. Trata-se de evidenciar, na constituição de grupos identificados com práticas de turismo ecológico, como o *Ecocaminhantes*, trocas, disputas, tensões que envolvem outros universos de sentido, como o Caminho de Santiago de Compostela. E assim, apresentar a porosidade entre o ecológico e o religioso que, se são aparentemente distintos, estão experientialmente imbricados.

CAPÍTULO II – PEREGRINAÇÕES E CORPOREIDADE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Este breve capítulo divide-se em duas partes que pretendem situar o leitor nos principais marcos teóricos em que essa monografia foi produzida. A primeira delas apresenta um panorama geral de algumas das interpretações antropológicas sobre o fenômeno da peregrinação baseando-se, sobretudo, em revisões já realizadas por outros autores. E a segunda, expõe parte das contribuições de Thomas Csordas na elaboração de uma antropologia fenomenológica a partir do paradigma da corporeidade.

2.1 POR QUE FALAR SOBRE PEREGRINAÇÃO?

Não cabe a este capítulo a apresentação da extensa produção acerca do tema das peregrinações, diversos autores já se encarregaram dessa tarefa (Frey, 1998; Carneiro, 2007; Steil, 2003;). A diversidade de relatos, etnografias e análises dessa temática não está concentrada apenas na antropologia, estendendo-se à história, geografia, sociologia, etc. Por hora, pretendo apenas situar de maneira geral alguns dos principais modelos teóricos empregados nas análises de peregrinações. Ainda que o foco de interesse empírico deste trabalho não sejam eventos de peregrinação, os deslocamentos que analisamos relacionam-se de algum modo com tal fenômeno. Se, por um lado, essa relação parece bastante evidente no caso da ACASARGS que tem como principal referência o Caminho de Santiago de Compostela – um dos principais centros de peregrinação atual do mundo cristão -, por outro, as caminhadas ecológicas dos *Ecocaminhantes* não parecem remeter diretamente àquilo que tradicionalmente concebemos como peregrinar. No entanto, ao menos no plano individual, as experiências do contato com a natureza que tais caminhadas proporcionam podem estar revestidas de sentidos que remetem a determinadas concepções de sagrado. O verbete peregrinação, no dicionário brasileiro de teologia, oferece algumas pistas dessa possível relação:

Na condição da pós-modernidade, as peregrinações têm adquirido um novo impulso que vem tanto da revalorização de tradições pré-cristãos (européia, orientais e indígenas)

quando da emergência das religiões do *self*, que vão enfatizar a dimensão da experiência pessoal e a imanência do sagrado na paisagem e na natureza. Valores como o cuidado do corpo, a ecologia, o sujeito psicológico como referência primeira para a vivência da fé têm encontrado nas peregrinações uma estrutura e um modelo ritual para se expressarem (Steil, 2008, p.784)

2.2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE PEREGRINAÇÕES

Carlos Steil (2003) aponta a segunda metade do século XX como um período de emergência de novos paradigmas interpretativos fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre peregrinação. Essa guinada teórica esteve marcada, especialmente, pelo enfraquecimento das investidas funcionalistas nas investigações sobre peregrinação, que a concebiam como eventos unificadores do social e regeneradores da moral. Para Durkheim, a polaridade sagrado/profano era não apenas definidora do que seja religião, como também ordenadora de um todo social (1996). A partir desse modelo, portanto, a peregrinação constituía-se como um evento capaz de promover a coesão das comunidades morais que dela participam.

A partir da década de 1960, os estudos de Victor Turner (1978; 2008) rompem com essa proposta e deslocam o interesse durkheimiano pelas coesões de um determinado grupo num contexto geográfico específico e passam a privilegiar as transformações, os processos pelos quais os eventos em questão atravessam, trata-se do processualismo. O paradigma turneriano, afinou os instrumentos de análise dos antropólogos contribuindo para um aumento e perspicácia considerável nas investigações do fenômeno da peregrinação.

Inspirados na proposta de Van Gennep (1978) que concebia os ritos de passagens como cruciais na dinâmica das sociedades primitivas, Victor e Edith Turner projetaram esse mesmo esquema em seus estudos sobre peregrinações cristãs. Para Van Gennep, ritos de passagem são: ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado ou posição social. Três estágios são constitutivos desses ritos: separação, transição/liminaridade e agregação. Interessa a Turner, sobretudo, a liminaridade, um estado que é difícil de localizar numa rede de classificação porque está, justamente, num ponto que escapa às classificações, que foge às categorias estruturais empregadas. É nesse momento liminar que se estabelece, entre os neófitos, um clímax de camaradagem em que traços distintivos de status sociais anteriores ou vindouros, tais como

roupas, insígnias e marcas, são apagados, os sujeitos se homogeneízam e um sentimento de igualitarismo desponta. Emerge, nesses contextos, o que Turner chama de *communitas*. Assim, os fenômenos liminares são mistura de: submissão e santidade, homogeneidade e camaradagem. E o estado liminar, por sua vez, constitui-se como um momento dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura. Com isso, Turner aponta para a existência de um constante tensionamento entre dois modelos de correlacionamento na sociedade, dois modelos que se alternam e se justapõem: o primeiro é o de uma sociedade estruturada, com posições hierárquicas localizáveis e marcadas, o segundo modelo surge no período liminar e é caracterizado pela suspensão ou afrouxamento da estrutura o que gera uma extrema camaradagem aos sujeitos que se encontram aí - trata-se da *communitas*.

Para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade. A passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de uma linha de ausência de status. (Turner, 1974, p. 122).

Este processo dialético ocorre entre termos interdependentes, ou seja, a relação entre estrutura e a *communitas* é dialética, uma não pode ocorrer sem a existência de outra. Não se trata, portanto, de uma relação entre termos diametralmente opostos, mas dialeticamente relacionados. Para Turner, numa estrutura³² todos os indivíduos estão expostos, invariavelmente, a alternância desses estados. Eventos como peregrinação são, por sua natureza, fenômenos liminares que propiciam o surgimento da modalidade social que denomina de *communitas*.

O deslocamento a um local sagrado – peregrinação – é, para Turner, um fenômeno liminar. Os peregrinos durante esses eventos estabelecem entre si relações de camaradagem, não mais orientadas por normatizações estruturais cotidianas, mas conforme uma ambiência de igualdade entre seus companheiros independente de sua localização estrutural num momento pré-ritual. Após ser apartado da vida social – no momento em que inicia a peregrinação -, entrar num estado liminar de *communitas* – durante a peregrinação -, o peregrino, agora transformado, é reintegrado à estrutura, completando as fases dos ritos de passagem.

³² Turner define estrutura como “arranjos padronizados de conjuntos de papéis, conjuntos de posições e seqüências de posições reconhecidas conscientemente e operado regularmente em uma sociedade determinada e intimamente ligados a normas e sanções locais e políticas” (Turner, 2008, p. 221)

A proposta analítica de Turner contribuiu para o desenvolvimento de outros estudos sobre peregrinação. Esses estudos não apenas se dedicaram ao mundo cristão, como também testaram os limites desse modelo universal noutros contextos etnográficos. Para Steil (2002), a obra de Eade e Sallnow (1991) demarca uma virada nos trabalhos sobre peregrinação, relativizando o conceito de *communitas* como uma forma universal de definir as peregrinações. Para estes autores, experiências empíricas demonstravam que, muitas vezes, as fronteiras e distinções sociais não eram suspensas nas peregrinações, mas sim mantidas e reforçadas. Não se trata, no entanto, de negar a possibilidade de *communitas* na peregrinação, mas de compreender esse fenômeno como complexo e, sobretudo, diverso.

Ainda que as contribuições de Turner tenham possibilitado que outros pesquisadores se debruçassem sobre o fenômeno das peregrinações, alguns limites de sua proposta foram apontados quando aplicados a outros horizontes empíricos. Conforme aponta Steil:

Os estudos que rompem com o paradigma turneriano têm como centro de sua argumentação a idéia de que as peregrinações se apresentam, particularmente nas sociedades modernas e complexas, como arenas onde competem simultaneamente discursos religiosos e seculares, ortodoxias oficiais e interpretações populares de um mesmo código doutrinário, grupos religiosos estabelecidos e seitas proféticas de contestação ao *status quo*. (Steil, 2003, p.45)

O que parece central nessa proposta é assumir a peregrinação como um evento capaz não apenas de contribuir para a consolidação de uma estrutura já estabelecida, mas também como um evento capaz de romper, de transformar as relações em jogo. Nesse sentido, uma peregrinação é capaz de acolher motivações diversas, constituindo-se como uma arena de disputa onde diferentes registros - religiosos ou não -, podem disputar espaço e significados. A partir dessa nova chave analítica, outros avanços foram realizados na direção de propostas mais flexíveis a contextos etnográficos que demonstravam a heterogeneidade não somente *das* peregrinações, como também *nas* peregrinações.

Já nos anos 2000 Coleman e Eade (2004), propõem uma nova alteração nas ênfases dadas aos estudos sobre peregrinação. Para esses autores, o interesse dos etnógrafos no local de peregrinação deveria ser deslocado para o movimento realizado pelos peregrinos. Essa centralidade dada ao movimento rompeu com a noção de presente etnográfico sem, contudo,

negar a importância do lugar para a etnografia. Na medida em que o trânsito tornou-se, no mundo contemporâneo, a regra e não a exceção, afirmam Coleman e Eade, cabe aos estudiosos das peregrinações compreenderem como essas formas específicas de deslocamento se inscrevem num contexto de mobilidade (Steil, 2009).

2.3 O PARADIGMA DA CORPOREIDADE.

Diversos autores da tradição antropológica refletiram sobre o modo pelo qual o corpo se relaciona com a cultura, Marcel Mauss (2003), Mary Douglas (1966) e Pierre Clastres (1990), por exemplo, assumiram-no como objeto de reflexão. No entanto, afinados com uma abordagem cartesiana, o corpo, para esses autores, é concebido como um objeto inerte, um substrato natural, biológico em que a cultura se inscreve e produz marcas. Já o modelo teórico de Thomas Csordas, assume o corpo não como um mero receptáculo de estímulos e inscrições culturais, mas sim como um corpo fenomênico, não dicotomizado. A proposta de uma antropologia fenomenológica consiste, em grande medida, que “o corpo seja compreendido como a base existencial da cultura – não como um objeto que é bom para pensar, mas como um sujeito é necessário para ser” (2008, p.367). Sendo, portanto, o corpo o local da cultura, os sujeitos passam a ser compreendidos, sobretudo, enquanto seres corpóreos. Dessa forma, os corpos não são apenas biológicos, como também religiosos, históricos, artísticos, etc.

Assumir o corpo como central e ativo a partir do paradigma da corporeidade é resultado de uma tentativa de colapsar dicotomias como mente/corpo e sujeito/objeto. Para tanto, Csordas lança mão de duas formulações que, invocando o corpo como princípio metodológico, levam a cabo o projeto de não mediar, mas sim colapsar dicotomias. A primeira formulação é a de Merleau-Ponty (1971; 2000) que, a partir da percepção, da experiência *no* corpo colapsa a dualidade sujeito-objeto. A segunda, é a de Pierre Bourdieu (2008) que, por meio de uma teoria da prática, colapsa a dualidade estrutura-prática.

A contribuição de Merleau-Ponty para a corporeidade está em seu conceito de pré-objetivo. Afirma Csordas:

Para Merleau-Ponty, a percepção começa no corpo e, através do pensamento reflexivo, acaba em objetos. No nível da percepção ainda não há uma distinção sujeito-objeto – nós simplesmente estamos no mundo. Merleau-Ponty propôs que a análise começa com o ato pré-objetivo da percepção em vez de com os objetos já constituídos. (2008, p.370)

A percepção, portanto, começa no corpo e termina no objeto que se constitui como um resultado secundário, somente existente após a reflexão. A dualidade sujeito-objeto se esvai, justamente, no momento em que se compreende que “no nível da percepção, não existem objetos, nós simplesmente estamos no mundo” (2008, p.106). Vale ainda ressaltar que o pré-objetivo não significa, de modo algum, um pré-cultural. E, não o é, porque todo corpo é um corpo *no* mundo e, por isso, invariavelmente, um corpo informado. É nesse ponto que Csordas introduz as contribuições de Bourdieu para um paradigma da corporeidade.

O conceito de *habitus* contribui com a agenda de uma antropologia fenomenológica, na medida em que permite compreender como as práticas relacionam-se entre si, como um corpo que percebe não é um corpo auto-gerador de referências, mas um corpo que é produzido a partir de práticas coletivas. As experiências dos sujeitos são, portanto, resultantes dos diferentes modos de estar engajados no mundo, mas todos eles coletivos.

É a partir dessas referências que Csordas inicia o desenvolvimento de uma proposta da corporeidade como um paradigma para a antropologia. Um modelo teórico que não sugere que todas as culturas tenham as mesmas experiências perceptivas, mas que a experiência corporificada seja o ponto de partida para a análise. Numa tentativa de estabelecer um diálogo com esse programa teórico, procuraremos, nos próximos dois capítulos, construir uma narrativa etnográfica focada, sobretudo, na experiência da caminhada para os caminhantes, no modo pelo qual caminhar é somatizado no corpo daqueles que caminham.

CAPÍTULO III – “VAMOS CAIR NA TRILHA”: CORPO, SAÚDE E RELIGIÃO NA EXPERIÊNCIA DE UMA CAMINHADA ECOLÓGICA.

3.1 COMPRANDO UMA ECOCAMINHADA: O GRUPO E SEUS ATORES

A empresa *Ecocaminhantes* não tem uma sede física, mas sim o domínio de um espaço na Internet no qual divulga e comercializa caminhadas. Nessa página, encontra-se a agenda de atividades do grupo, fotografias dos passeios já realizados, além de algumas seções especiais que dão destaque a destinos como Patagônia, Chapada Diamantina, Aconcágua e África do Sul. Há ainda uma seção dedicada ao programa *Trilha Limpa* que, segundo seus idealizadores, ao incentivar os caminhantes a recolherem o lixo que encontram pela trilha, endossa o principal objetivo da empresa: o de propiciar, por meio de caminhadas na natureza, “o desenvolvimento da atividade física e da consciência ecológica³³”.

Cada passeio a ser realizado é apresentado no *site* com informações sobre a programação geral da atividade e uma classificação da caminhada segundo seu nível de dificuldade. Segue a isso uma descrição dos trajetos a serem percorridos. A trilha do Rio do Boi, por exemplo, classificada com um grau de dificuldade “pesado/difícil” é assim descrita na página do *Ecocaminhantes*.

Descritivo da Trilha

Trilha do Rio do Boi: a caminhada ocorre no interior do cânion Itaimbezinho, sendo seu início em trilha por mata nativa, e, após, caminhada pelas pedras, no leito do rio do boi, com diversas travessias no mesmo rio, com direito a parada para banho nas piscinas e nas cachoeiras. Caminhada de aproximadamente 7h e dificuldade alta³⁴.

Além da obtenção de informações pelo site, os caminhantes também podem se atualizar das atividades do grupo por meio do recebimento de informativos via e-mail. A demanda pelos passeios é crescente e muitas caminhadas têm o número de vagas esgotado em menos de uma semana após sua divulgação. Segundo Ana, uma das fundadoras do grupo, mais de mil pessoas estão cadastradas no *mailing* da empresa, das quais cerca de seiscentas já participaram de alguma das caminhadas promovidas. Embora sejam números expressivos, o *Ecocaminhantes* não se utiliza de veículos de propaganda além do próprio *site*.

³³ Fonte: www.ecocaminhantes.com.br (consultado em 01/12/2009)

³⁴ Fonte: www.ecocaminhantes.com.br (consultado em 01/12/2009)

A gente não faz propaganda. Então, ou vai ser por indicação de alguém que a pessoa fica sabendo de nós ou sei lá. Já aconteceu de gente que está procurando coisa pra fazer, digitou no *Google* “caminhada” e aí apareceu “*Ecocaminhantes*”. Um que outro já aconteceu isso, mas normalmente é por indicação, nem é no site que se entra primeiro, liga direto sem entrar no site. Normalmente é por indicação e nunca por propaganda. Até porque como a gente não tinha a idéia de transformar isso em um negócio, a gente nunca quis fazer propaganda porque aí tu tem que estar preparado pra receber uma demanda grande. (Ana)

Ao que parece, a “indicação” configura-se como elemento central do ingresso nesse tipo de atividade. Trata-se não somente de uma prática na qual os sujeitos se engajam por interesses pessoais, mas também por estarem envolvidos em determinadas redes de sociabilidade que proporcionam essa entrada. A caminhada, nesse sentido, constitui-se como um evento de sociabilidade não apenas entre aqueles que já se conhecem, como também para aqueles que pretendem estabelecer novos contatos:

Tem duas coisas que são boas: a caminhada em si, que independe do lugar, e também tem um tipo de gente que faz essas caminhadas que é o tipo de pessoas que eu gosto de estar, que eu me sinto bem. Não importa se é com *Ecocaminhantes*, com Rota, nem precisa saber se tem algum amigo teu. Tu vais encontrar alguém, às vezes eles mudam de nome, mas no final são todos iguais. (Gilberto)

Diversos outros trabalhos (Amirou, 1995; Siqueira, 2006), que tiveram como foco de interesse atividades turísticas, sugerem que haja, nesses contextos, a emergência da modalidade de inter-relacionamento que Turner denominou de *communitas*. Desde essa perspectiva, a facilidade em estabelecer vínculos, a camaradagem e o espírito de igualitarismo é o que permitem, por exemplo, Gilberto afirmar que os sujeitos apenas mudam de nome “mas no final são todos iguais”. Para Turner, todos estes aspectos são característicos de momentos não-estruturados nos quais as marcas da diferenciação social, as posições, enfim, tudo aquilo que classifica os sujeitos numa determinada estrutura desaparecem, permitindo o surgimento de um modelo de relações não pautado pelo que é normativo e estruturado, mas sim, pelo não-estrutural (Turner, 2008).

Contudo, um dos limites desse tipo de leitura é que, ao se creditar à *communitas* o fato de os sujeitos rituais – nesse caso os caminhantes – estabelecerem relações entre si de tipo não-estruturadas, corre-se o risco de ignorar a possibilidade de conceber essas relações mais fluidas como resultantes, justamente, da convergência das posições estruturais ocupadas por tais sujeitos. Isto é, o modelo de análise processual turneriano que concebe a dinâmica social como fruto da

contínua tensão entre estrutura e *communitas*, quando verificado empiricamente, parece um tanto rígido. Nessa mesma linha de argumentação Steil (2003) afirma: “A estrutura e a *communitas* se conjugam dentro do próprio evento, desconstruindo a idéia da contradição entre o espaço da estrutura e o da *communitas* enquanto entidades separadas”.

Outra característica marcante das caminhadas é a predominância de mulheres em relação aos homens³⁵. Algumas atividades chegam a ser realizadas com presença, exclusivamente, feminina.

Eu acho que os homens pensam que caminhada não é para homem. Homem, se convidar pra um rafting ou rapel, eles vão, mas, se é pra uma caminhada... Eu acho que isso é totalmente preconceito masculino. Acho que eles pensam que não é coisa que homem possa fazer, de passar o fim de semana caminhando. Talvez se a gente desse outro nome aparecesse mais os homens. E as mulheres têm nesse sentido mais atitude. Quando estão sozinhas e querem fazer uma coisa, elas vão atrás, buscam, procuram e se juntam com outras para ir. Mas homem sozinho acho que é mais difícil de fazer isso. Se não é um amigo que convida, alguém que traz junto... Acho que não é uma atitude que por conta própria ele olha um anuncio e diz: “vou caminhar”. Mas é sempre muito mais mulher.
(Ana)

A fala de Ana traz à tona dois focos explicativos para a diminuta presença masculina nesses eventos. O primeiro deles se refere ao caráter da própria prática da caminhada, a qual parece não estar tão afeita às masculinidades quanto os chamados esportes de aventura que Ana citou. O segundo diz respeito a uma suposta dificuldade por parte dos “homens sozinhos” de se mobilizar para participar dessas atividades. Tendo em vista que as caminhadas são encaradas por muitos como um promissor evento de sociabilidade, a ausência masculina desestimula a permanência de alguns sujeitos no grupo. Como ocorre no caso narrado por Gilberto, “a própria pessoa que me convidou para caminhar pela primeira vez, ela é uma que parou porque disse: ‘ali eu não arrumo nada’. Até porque noventa por cento é mulher, né?”.

³⁵ Segundo dados fornecidos pela empresa *Ecocaminhantes* e publicados em Manieri (2008), 76% dos participantes das caminhadas são mulheres.

3.2 OS LOCAIS EM QUE SE CAMINHA

Diante de uma oferta bastante ampla de locais em que se pode realizar uma caminhada, os idealizadores do *Ecocaminhantes* procuram propor roteiros que convirjam com seus próprios interesses.

[o roteiro] é da nossa vontade, é o que a gente tem vontade de fazer. Porque é bem isso, como o *Ecocaminhantes* é uma atividade que a gente tem que juntar com o nosso tempo livre de férias, então tem que ser uma coisa que a gente está com vontade também. Nas minhas férias, eu quero ir pra Patagônia. Então tentamos montar, organizar um passeio e juntar as duas coisas. Pro Aconcágua, eu e o Daniel fomos no ano passado de férias e a gente falou: “temos que trazer o pessoal pra cá”. Então sempre que a gente gosta de ir pra um lugar, a gente tem vontade de levar todo mundo, é engraçado isso. Então num final de semana a gente sai pra passear... *bah*, aqui era legal de trazer o grupo, então a gente está sempre tentando enxergar esse tipo de coisa. (Ana)

A maior parte desses destinos se concentra em trilhas na natureza. No entanto, apesar de predominantes, essas trilhas não são os únicos tipos de paisagem em que se realizam as caminhadas. Ao que parece, essa escolha está mais relacionada com a “não-monotonia da paisagem” do que com um ambiente específico e privilegiado.

Nossas praias [as do Rio Grande do Sul], por exemplo, é aquela reta interminável com super vento que não dá trégua e caminhar ali não é uma coisa agradável e acho que tem que juntar um pouco de paisagem, um pouco de tudo. (...) Por exemplo, nesse final de semana a gente vai para Florianópolis, que é caminhada de praia, mas não é como aqui no sul que é uma reta só, tem costão, sobe morro, desce morro, um pouquinho de praia plana, aí passa nas dunas... Então é um pouco isso que a gente gosta de fazer, mesclar o tipo de paisagem. (Gilberto)

O tipo de paisagem em que se caminha, bem como o fato de sempre haver novos roteiros é apontado pelos participantes como algumas das principais razões pelas quais o *Ecocaminhantes* tornou-se um dos grupos com maior visibilidade na promoção desse tipo de prática no Estado. A periodicidade dos passeios e a existência de uma loja virtual na qual se pode, além de escolher a caminhada, efetuar seu pagamento, também proporciona que a empresa tenha clientes espalhados pelo país.

3.3 A CAMINHO DA CAMINHADA

A construção de um corpo caminhante não ocorre somente nas caminhadas. Esses corpos são forjados gradualmente conforme os sujeitos engajam-se na prática e incorporam determinados sentidos éticos, ecológicos, religiosos. A inculcação dessas práticas informa o caminhante sobre quais as habilidades técnicas, os gestos, o saber-fazer valorizados nesses eventos. É necessário compreender, portanto, que o universo das caminhadas remodela os corpos, convertendo-se num verdadeiro marcador temporal da vida desses sujeitos, transformando sua rotina e, possivelmente, alterando suas categorias de apreciação.

Tornar-se caminhante é apropriar-se de uma determinada corporeidade, de modos específicos de estar atento “a” e “com” o corpo sem que, no entanto, haja distinção entre aquilo que é domínio do físico, do mental ou do espiritual. No corpo tudo isso está conjugado e a corporeidade refere-se, justamente, a tais arranjos.

O universo das caminhadas para seus participantes não está restrito às atividades promovidas por um único grupo. Aqueles que caminham com o *Ecocaminhantes*, por exemplo, formam e integram outros grupos.

Aparecem muitas dessas viagens curtas (...). Por exemplo, assim, minha família tem apartamento em Gramado então nós já fomos três vezes em Gramado caminhar. Meu irmão tem apartamento em Torres, aí nós vamos lá 12 e 13 de setembro numa mistura de gente e vamos inventar uma caminhada. Essas daí acabam não saindo tão caras porque tem só que pagar passagem. O pessoal também gosta de cozinhar e aí fazemos a caminhada. Nós também fomos ali pra Teutônia, uma das gurias mora lá. Em Caxias também a gente pegou e foi pra Caravaggio, isso acaba saindo bem barato. E acho que tem opções... Eles foram pra Sertão Santana num dia desses também. O pessoal acaba saindo por conta, parece que dá uns estalos, o pessoal começa a se afastar das agências e fazer as coisas por conta. (Gilberto)

Da mesma maneira que essas atividades independentes das agências são formas de grupos de caminhantes se encontrarem, algumas vezes as caminhadas promovidas por empresas também constituem-se como pontos de encontros. Em algumas caminhadas, um grupo de cinco ou seis pessoas faz a inscrição juntos e lá se integram ao grupo maior. O sentido coletivo da prática da caminhada informa aos caminhantes o modo pelo qual devem mover-se, relacionar-se com a paisagem, enfim, sustentar determinada *hexis* corporal. Este compartilhamento está relacionado com a construção de uma técnica do corpo específica que, conforme definiu Marcel Mauss (2003), é obra da razão prática coletiva e individual. Em parte, é a partir da incorporação dessas técnicas que o corpo do caminhante é forjado.

A relação entre a coletividade da prática e a incorporação das estruturas de sentido fomentadas por essas práticas são também questões centrais para o paradigma da corporeidade de Thomas Csordas. No entanto, se, para Mauss, essa coletividade é constituída por sujeitos que compartilham determinadas técnicas corporais, para Csordas, a coletividade se dá com o compartilhamento de corporeidades. Noutra paralelo possível, aquilo que para as teorias cognitivistas é a intersubjetividade, na proposta de Csordas configura-se como intercorporeidade. Isto é, trata-se da comunhão de determinados modos culturalmente elaborados de experienciar o mundo.

Nas caminhadas, os participantes do grupo podem trocar informações sobre roteiros que devem e os que não devem ser feitos. Essa troca não apenas informa um *hall* de destinos interessantes para os caminhantes como também ajuda a constituir, de algum modo, um sistema hierárquico de classificações desses roteiros. A partir de um conjunto heteróclito de elementos, tais como contato com a natureza, exotividade e dificuldades enfrentadas durante a viagem, um destino é posicionado como mais ou menos valorizado e autêntico entre os caminhantes. Partilhar desses esquemas de classificação e posicionar-se como consumidor das caminhadas mais valorizadas é um elemento importante na demonstração do engajamento nessa prática.

Acho que isso mexe com a inveja, que o pessoal fala: - “bah eu fui pra...”; “Bah! Quero fazer esse aí também”. Aí o outro “ah! Mas eu fui pra África”. Eu acho que tem uma oferta, uma troca de informação... (Fábio)

Hoje a gente tem bastante contato com o pessoal que caminha. Aí é um dando dica para o outro e a gente fica cheio de coisas na cabeça e fica só anotando e, claro, conforme o tempo dá, a gente vai fazendo as coisas que as pessoas falaram e o que a gente realmente acha legal. A gente gosta de fazer coisas diferentes, sair do padrão. (Ana)

Eu acho que as coisas vão crescendo, que é um caminho natural. Tu começa com caminhadinha pequena, depois você vai indo, indo e aí tu quer fazer mais, não sei se chega a ter um espírito de competição. Um fala: “Olha eu fiz isso”. Aí o outro fala: “Isso é melhor” Eu acho que tem uma coisa de consumo, porque não? Que diferencia até... Você conhece a pessoa e pensa: “Pô! O cara já foi lá para tal lugar”. Sabe que tem um grupo aqui que está fazendo a cordilheira branca no Peru e eles têm o objetivo de caminhar em todos os lugares do mundo e não repetir nenhuma caminhada. (Gilberto)

Se a troca de informações sobre roteiros é um aspecto importante da constituição de um caminhante, é na própria caminhada que esse aspecto fica mais evidente. Durante uma das saídas de campo que realizei – um passeio de três dias pelos Campos de Cima da Serra no município de Cambará do Sul/RS – tomei a seguinte nota:

Gilberto foi um dos últimos a chegar e, assim que colocou sua mala no bagageiro, entramos no ônibus e começamos a viagem para Cambará do Sul/RS. A ida é o momento de menor interação do grupo, mesmo tendo uma grande quantidade de pessoas que procuram esta atividade justamente para estabelecer amizades, neste momento os bancos do ônibus são ocupados solitariamente. Sentei-me com Gilberto e começamos a conversar sobre algumas trilhas que havia feito. Depois de algum tempo de viagem, Ana juntou-se a nós e nos apresentou Vinícius, que estava sentado no banco logo a nossa frente. Ana acabara de voltar de uma viagem de férias na África do Sul e narrou detalhadamente todas as trilhas que ela e Daniel fizeram nos parques daquele país. Gilberto não perdeu a oportunidade e passou a nos relatar as dificuldades que estava enfrentando na preparação de sua viagem ao Nepal aonde iria, com um grupo, subir até o acampamento base do Everest. Vinícius, como que para apresentar sua relação de viagens, passou a nos descrever as principais caminhadas que já havia feito: “O primeiro passeio que fiz foi logo depois que me separei. Chama Passos do Anchieta, são quatrocentos quilômetros entre o Espírito Santo e São Paulo. Aí peguei gosto pela coisa, vim pra cá fazer o Caminho das Missões e depois fiz duas coisas que sempre tive vontade, subir o pico da Bandeira e o da Neblina, bixo foi rojão! Lá eu conheci duas pessoas que me convidaram para caminhar na Eslovênia, voltei de lá na semana passada. Caminhei em vários parques lá também”. [Nota de 15 de Agosto de 2008]

Uma das hipóteses de investigação deste trabalho é a de que há uma relação entre ocupar uma posição privilegiada num sistema hierárquico que classifica as caminhadas como mais ou menos autênticas e o grau de dificuldade que tal destino impõe ao caminhante. Isto é, quanto mais difíceis de serem acessados e concluídos, mais valorizados são os destinos. Esta característica, no entanto, está atravessada pelo caráter turístico da prática. De modo que, embora as dificuldades enfrentadas contribuam para a valorização de uma viagem, essas dificuldades devem estar circunscritas a um limite de tolerância que caso não seja respeitado termina por comprometer-la.

Têm alguns que caminham com a gente que curtem ir pra hotéis tipo Casa da Montanha que é considerado quase um *resort*, é um hotel padrão classe “A”. Eles são ligados à

natureza mas querem luxo, querem passar bem. Podem sofrer na caminhada, não tem problema em se sujar todo, se encher de lama, tomar banho de chuva, isso não importa, mas depois querem chegar a um lugar bom, confortável para poder tomar seu vinho e tal. (Ana)

O mais importante pra mim não é chegar, mas sim caminhar, com certeza. Assim, o objetivo não é ir lá, não! Uma das coisas que foram se reforçando com o tempo pra mim foi isso. Eu não recomendaria a Tanzânia, por exemplo, nem pra inimigo porque o final dela é muito, muito difícil e quando tu chega nesse ponto a coisa fica desagradável porque sai do controle, não tem essa de dizer: “Eu subi o Kilimanjaro!” Grande coisa, o objetivo é o caminhar não a chegada. Mas pro pessoal é tanto assim que no Everest quando tu chega no campo base e o pessoal está muito cansado, a 5600 metros, caminhando muito devagar e realmente não é o ponto mais bonito, você vai lá pra dizer que chegou. O mais bonito não é lá, está atrás....Mas a maioria vai pra dizer: - Não, eu cheguei! (Gilberto)

Tem uma coisa de provação também. A gente fez a caminhada no Aconcágua e estávamos liquidados, alguns passando mal e tal, mas é aquela coisa: “Passei pela dificuldade, pelo desconforto, mas agora eu vou pra Mendoça e quero a parte fácil.” Aí a gente foi em vinícolas, free shop, aí dá pra notar que ali teve o turismo como prêmio pela provação que passou. (Fábio)

Uma vez apresentado esse panorama geral do *Ecocaminhantes* e da prática da caminhada, adoto como ponto de partida para uma descrição da experiência corporeificada de caminhar o delineamento de dois modos somáticos de atenção que, ao que parece, constituem o corpo do caminhante: a exaustão física e a relação estabelecida com a natureza.

3.4 MODOS SOMÁTICOS DE ATENÇÃO E O PARADIGMA DA CORPOREIDADE: UMA BREVE RETOMADA

O projeto teórico de Thomas Csordas é o de desenvolver a corporeidade com um paradigma para a antropologia. Esse modelo analítico concebe o corpo não como inerte ou como uma representação social, mas trata-o como a própria base existencial da cultura. O que está em jogo na corporeidade é compreender o corpo como a própria condição da existência humana.

Csordas propõe que as análises culturais não devam terminar no corpo, mas tomá-lo como ponto de partida metodológico. Tendo em vista esses objetivos, Csordas lança mão das contribuições de Merleau Ponty (1971; 2000) e Bourdieu (2008) para compor seu arranjo teórico.

O que é central para a corporeidade são as experiências culturalmente padronizadas nos corpos dos sujeitos. Isto é, Csordas parte das contribuições da filosofia fenomenológica de Merleau Ponty e da Teoria da Prática de Bourdieu para sustentar que é no corpo, nas experiências corporificadas, que reside o *locus* da cultura.

Para afinar melhor esse constructo teórico e tornar a corporeidade um procedimento metodológico, Csordas lança o conceito de modo somático de atenção. Esse conceito se refere aos modos culturalmente elaborados de estar atento “a” e “com” o corpo. Estar atento “a” diz respeito à atenção dada ao estado do corpo no mundo, “um modo de estar atento ao meio intersubjetivo que ocasiona aquela sensação” (Csordas, 2008, p.372). Estar atento “com” refere-se ao modo de engajar os sentidos numa determinada atenção.

Para Csordas, é justamente na variação dos modos de estar atento “a” e “com” o corpo, na corporeificação das experiências e no compartilhamento dessas corporeidades, que deve-se iniciar uma análise fenomenológica da cultura. “O que quero dizer é que as maneiras pelas quais damos atenção aos e com os nossos corpos, e mesmo a possibilidade de dar atenção, não são nem arbitrárias nem biologicamente determinadas, mas são culturalmente constituídas” (Csordas, 2008, p.374).

3.5 A EXAUSTÃO DOS CORPOS DOS CAMINHANTES E A VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA CAMINHADA

O modo somático de atenção que delinearei nesta seção é o da “exaustão física” durante e após as caminhadas com o *Ecocaminhantes*. Como já foi apontado noutra momento, parece haver uma relação entre as dificuldades enfrentadas, sejam elas de acesso a um destino ou na conclusão de um trajeto com muitos obstáculos a serem ultrapassados, e a valorização do consumo do roteiro por parte dos caminhantes. Aqui, por sua vez, nos interessa atentar para as dificuldades físicas que a caminhada impõem aos sujeitos. Essas dificuldades podem ser expressas a partir de diversas experiências corpóreas, dentre elas, por exemplo, a dor.

Sob outras perspectivas da tradição antropológica, a exaustão e a dor seriam descritores de uma ordem cultural que se inscreve no corpo o que, como afirma Csordas, apenas mantém a “preeminência cartesiana da mente sobre um corpo visto como inerte, passivo e estático” (2008, 370). Já, quando analisados desde o paradigma da corporeidade, tanto a dor como a exaustão não se constituem enquanto descritores, mas passam a ser centrais na definição dos principais aspectos presentes na corporeidade dos caminhantes. O ponto de partida para a análise cultural segundo o modelo proposto por Csordas são as experiências corporificadas. Quando compartilhadas essas experiências conformam “intercorporeidades” e, assim, terminam por constituir, em alguma medida, coletividades.

A descrição da experiência da caminhada para muitos dos caminhantes tem como fio condutor os percalços, as dificuldades enfrentadas nas distâncias percorridas, os terrenos íngremes, as intempéries. A exaustão física é posta em relevo e essa valorização das dificuldades contribui para tornar mais “autêntica” a experiência entre os sujeitos. Corporalmente essa sensação é narrada por meio de modalidades sensoriais indeterminadas que oscilam entre a expressão da sensação de um “corpo esgotado” e de uma “mente revitalizada”. A elaboração de descrições ambivalentes que ora tendem para expressões relativas ao corpo e ora para expressões relativas à mente/alma não restabelece, no entanto, o ponto de vista cartesiano no qual estes dois domínios são estanques e herméticos, mas sim escancara um fluxo contínuo entre modalidades sensoriais capazes de estar presentes nessas duas alçadas. Isto é, ao proporcionar descrições somáticas que se configurem a partir de um arranjo híbrido que conecta sensações físicas e experiências da ordem da mente/alma, as caminhadas tornam-se um contexto privilegiado para uma análise que pretenda tomar como um dos pontos de partida, justamente, o colapso entre estas duas esferas.

A exaustão corporal parece ser somatizada pelos caminhantes como aspecto essencial para que a experiência da caminhada torne-se autêntica. Em um passeio com o grupo na cidade de Mostardas/RS, perguntei a Fábio se considerava aquela uma experiência turística:

Não, porque turismo, como eu vou te dizer? Quando você faz turismo tudo está certinho, nada dá errado, você não vive aquele lugar direito, é como se você não estivesse ali, é como fazer sexo com camisinha! Aqui no Eco vivo intensamente a caminhada. Prova disso é que a gente fica exausto, o corpo cansa e por isso não é turismo, aqui é de verdade. (Fábio)

A fala de Fábio remete a uma compreensão de turismo como uma atividade controlada, sem espaços para a imprevisibilidade, sem dor. E aquilo que parece constituir-se como indicador capaz de classificar uma prática como turística ou não-turística reside, especialmente, na sensação de mergulho numa atividade sem mediadores, cuja percepção é direta e o esgotamento físico comprova essa “vivência real”.

Outro aspecto que deve ser considerado nesse modo específico de estar atento “a” e “com” o corpo é que a caminhada transcorre num espaço privilegiado, a natureza. Trata-se de compreender essa paisagem como elemento também ativo e que, por isso, atravessa as experiências daqueles que a habitam. É na natureza, e somente nela, afirma Marina uma caminhante de 29 anos, “que podemos sentir o mundo de outro jeito, de um jeito que a gente não está acostumado”. Essa paisagem natural é provocadora dos sentidos, como aponta Fábio, “tem um dado importante que acho que o pessoal todo se interessa muito por fotografia, pode ver eles querem tirar foto na natureza porque é diferente de tudo, a imagem da natureza é diferente e isso é uma coisa da percepção” (Fábio).

Se por um lado, um roteiro que imponha dificuldades aos sujeitos tenda a ser mais valorizado pelos caminhantes, por outro, essa forma característica de engajar os sentidos e corporificar a experiência da exaustão física promove a sensação de bem estar. Para os caminhantes, a exaustão é também somatizada como uma espécie de via de acesso ao bem-estar. Trata-se, portanto, de uma noção de saúde ampliada em que uma intensa atividade corporal – a caminhada – termina por constituir-se como “uma maneira de purificar a mente e a alma”, “um refúgio para recarregar as energias”, “um momento para desestressar” (Marina). Enquanto caminha na natureza o caminhante não cultiva apenas seu bem estar físico, mas sua experiência corpórea cria uma corrente contínua que desfaz a noção de um corpo cartesiano segmentado entre aquilo que é relativo ao físico, ao mental e ao espiritual.

Fiz uma reorientação de vida em que decidi mudar. Pra deixar de ser obeso podia fazer cirurgia de estômago, mas não ia estar saudável. Tem que se encontrar consigo mesmo pra ficar saudável. (Vinícius)

Através de exercício físico você rompe com as coraças que se formam nos chacras das pessoas por causa da falta de meditação, concentração, bons fluidos, etc. Com as coraças quebradas o sujeito alcança determinado estágio que é por todos almejado. Caminhar te coloca em certo estado mental interessante. (Fábio)

Parece haver, no ideal de saúde desses sujeitos, uma espécie de interdependência entre as dimensões físicas e mentais/espirituais. O que sugiro é que a somatização do intenso exercício físico da caminhada na natureza aponta na direção de uma prática capaz de revitalizar os corpos, aqui não compreendidos como mero substrato biológico, dos caminhantes. O contato com a natureza torna-se, nesse contexto, um evento privilegiado na busca desse ideal. Assim, ao compreender a prática de caminhada ecológica como uma terapia capaz de dar conta de uma concepção total de corpo, o caminhante traz à tona o ambiente em que caminha – a natureza – como elemento chave que compõe essa noção de seu bem estar.

O que parece haver é uma noção ampla de saúde que extrapola os próprios limites corpóreos dos sujeitos e que passa a estabelecer com a natureza uma relação direta. É, justamente, essa experiência de uma natureza revitalizante, capaz de gerar sensações que conectem corpo, mente e alma que procurarei apresentar, na próxima seção, como outro modo somático de atenção presente na corporeidade de um ecocaminhante.

3.6 NATUREZA REVITALIZANTE

O modo somático de atenção referido a partir de agora – o da relação caminhante-natureza – é articulado entre os ecocaminhantes em termos da potência dessa paisagem específica em produzir sensações ligadas a uma espécie de aperfeiçoamento de si, tais como “auto-conhecimento”, “mente e alma purificada” e “sensação de plenitude”. A maior parte desses relatos parece estar afinado com certo “espírito Nova Era”, cuja relação com o sagrado se dá a partir do contato com uma natureza investida de forças místicas e energéticas capazes de serem incorporadas pelos sujeitos.

3.7 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O CONTEXTO NOVA ERA

A apropriação de sistemas de crenças religiosas por parte de sujeitos e grupos ecologicamente orientados tem feito alguns autores sugerirem que essa relação entre ecologia e religião é, em parte, fruto de certa ascese ecológica em que atitudes responsáveis com o meio ambiente promovem uma espécie de sacralização da natureza (Carvalho, Steil, 2008; Soares, 1994).

Um dos modelos analíticos para se pensar esse processo é a já citada “orientalização do ocidente” de Campbell (1997) Essa proposta aponta para uma transformação no panorama religioso decorrente da substituição do paradigma e da teodicéia Ocidentais – tradicionalmente caracterizadas pela transcendência – por um paradigma da imanência que tradicionalmente caracterizou o Oriente. O que passa a haver é um deslocamento do espaço ocupado por Deus que deixa de se situar num plano fora do mundo e passa a dar lugar a um Deus no mundo, capaz de ser acessado de modo mais direto, dispensando a mediação institucional da igreja e proporcionando uma noção de sagrado mais difusa. Essas manifestações do sagrado passam a ser colocadas na ordem da individualidade, do *self* e tem como espaço privilegiado, justamente, a natureza. A partir desse tipo de perspectiva pode-se sugerir que a modernidade secular supostamente governada pela razão científica e técnica não trouxe para o mundo uma marca a-religiosa, mas ao contrário, carregou consigo uma verdadeira nuvem de novas crenças (Hervieu-Léger, 1993; 2008)

Embora característico das novas paisagens religiosas, a imanência do sagrado na natureza é apenas um dos elementos que compõem esses arranjos. Outro elemento da modernidade religiosa que figura como objeto inspirador desta transformação pode ser caracterizado pela autonomia do indivíduo para compor seu próprio sistema de crenças. De modo que, tanto a experiência religiosa passa a ocorrer no plano da intimidade do sujeito, como também a certificação da verdade deixa de estar submetida a normalizações institucionalizadas, podendo ser atestada pelo próprio indivíduo. As crenças se constroem de um modo altamente fluido e, ainda que não estejam submetidas às suas instituições, tomam “emprestados e reutilizam” elementos originários das grandes tradições religiosas. Essa nova configuração do mundo religioso produziu o enfraquecimento das instituições reguladoras do crer, tendo como consequência o retorno da fórmula que era aplicada a sociedades não-modernas: a religiosidade está em toda parte. Dessa forma, podemos apontar duas características centrais nesse processo de (re)configuração do panorama religioso. De um lado, a concepção de um sagrado imanente – no mundo – e, de outro, a autonomização do indivíduo, que deixa de obedecer a imperativos institucionais e passa a se

organizar a partir das necessidades e escolhas pessoais. Assim, práticas como caminhada na natureza tornam-se eventos privilegiados para a observação dos modos pelos quais esses processos de transformação das crenças religiosas contemporâneas são capazes de atravessar universos distintos.

Ainda na esteira dessas transformações pode-se observar constantes tentativas, por parte dos sujeitos nela situados, de descaracterização destas crenças como pertencentes à ordem do religioso, denominando-as mais genericamente como “filosofia de vida”, ou mesmo, como “espiritualidade”.

3.8 A RELAÇÃO CAMINHANTE-NATUREZA COMO UM MODO SOMÁTICO DE ATENÇÃO

Essa desinstitucionalização e, por conseguinte, individualização das experiências religiosas culminaram com a possibilidade de experimentação direta do sagrado. Ao sugerir a existência de um modo somático que articule caminhante-natureza procuro apontar, dentre outros elementos, para uma forma específica de sensação corpórea na qual algumas das experiências vividas na natureza são somatizadas como sendo contatos com um transcendente³⁶. Essas experiências são descritas na maior parte das vezes como: sensação de energia passando pelo corpo, purificação da mente, leveza do corpo, sensação de presença de boas energias, corpo revigorado, descarga de más energias acumuladas, relaxamento.

Ao levantar esse breve inventário a partir de notas presentes em diários de campo, pode-se sugerir a existência de um engajamento sensorial específico nesse tipo de experiências. Ao que parece, esse engajamento se concentra em três modalidades perceptivas: tato, visão e aquilo que chamarei de “corpo total”. As experiências táteis estão, na maior parte das vezes, associadas as manifestações sentidas na forma de energias. Um movimento corporal característico dessa

³⁶ A idéia de transcendência utilizada nessa passagem, não se refere a uma Transcendência da Revelação, como a que pauta o cristianismo. Mas diz respeito a uma *transcendência na imanência* em que a relação com o sagrado não se dá a partir da mediação da Igreja, mas sim num plano individual, imanente. (Ver Ferry, Gauche, 2008)

modalidade é a imposição de mãos sobre pedras e árvores acompanhada pelo fechamento dos olhos. Por meio desse contato, afirma Mariana, uma caminhante de quarenta anos, “posso descarregar minhas energias ruins e receber as boas que a natureza tem pra me oferecer”. Nessa mesma direção, tomei a seguinte nota numa saída de campo que fiz para a cidade de Caará/RS na nascente do Rio dos Sinos.

Chegamos a nascente e nos deparamos com uma cachoeira de cento e vinte metros de queda d'água. Sentei-me perto de Marina e perguntei como se sentia. Descreveu-me que a natureza tinha o potencial de “purificá-la”, uma força que poderia sentir agir em seu corpo por muitos dias após aquela experiência. Enquanto conversava com Marina, observava Mariana que se aproximou de uma grande pedra e abraçou-a vagarosamente permanecendo ali por alguns minutos.

Essa descrição parece apontar para duas formas de contato entre um caminhante e alguns dos elementos da natureza capazes de transmitir energias para seus corpos. Uma primeira forma é a de buscar receber, a partir do contato direto entre o corpo e a pedra, as “boas energias” que esse elemento emana, conforme me narrou posteriormente Mariana. Outra forma diz respeito à relação corpórea que Marina estabelece com uma natureza igualmente dotada de energias, manifestadas na sua capacidade de “purificação” e “rejuvenescimento”. Essa relação se dá por meio de um contato visual, contemplativo, que age sobre o modo pelo qual percebe seu corpo que se desvencilha de um estado “impuro” e “senil”.

As experiências visuais parecem capazes, nesse sentido, de promover um estado corporal distinto daquele cujos sujeitos se encontravam antes do estabelecimento dessa relação com a natureza. Ao descreverem essas sensações, os caminhantes recorrem com facilidade a um léxico concernente ao ‘idioma religioso’, tais como “purificação”, “plenitude” e “totalidade”.

Ainda na caminhada até a nascente do Rio dos Sinos, questionei Mariana sobre possíveis motivações religiosas em sua participação naquela atividade:

Motivação religiosa não tenho nenhuma. A natureza é o lugar da espiritualidade, não é uma religião porque não é rígida, não impede o sujeito de despertar suas próprias crenças. A natureza é viva, não tem dogmas. Você não acredita que aquela árvore ali está agora nos olhando? Aqui a gente é total, não está amarrado pela igreja (Mariana)

Noutro momento, enquanto conversávamos sobre roteiros de viagens, Joana uma professora universitária relatou-me:

Olha, teve uma vez que me perdi com meu filho numa trilha em Fernando de Noronha e a gente caiu num lugar lindo. Demos sorte de ver o pôr-do-sol e vou te dizer que podia morrer naquele momento, estava num estado de plenitude. Não importa o que acontecesse era como se não estivesse mais ali (Joana).

O que parece estar em jogo nessas falas, são noções difusas do sagrado em que a composição da identidade religiosa é resolvida no plano da individualidade e a natureza constitui-se, por sua vez, não apenas como cenário, mas como a própria “protagonista” dessas experiências. A atenção do modo somático que procuro delinear nesta seção está dirigida, justamente, a essa paisagem natural que, experienciada por meio de sentidos como o tato e a visão, termina por promover um tipo de relação específica com o sagrado.

Uma última modalidade de experienciação a ser descrita é a que chamarei de “corpo total”, referindo-me, sobretudo, à sensibilização corporal dos sujeitos para que possam perceber o fluxo energético que os atravessam na sua relação com a natureza. Essa percepção é resultado de uma educação para a atenção que permite os caminhantes conferirem agência a elementos como árvores, animais, lua, sol, pedras, que, por sua vez, passam a ser capazes de agir sobre a própria percepção dos sujeitos em relação a seus corpos.

Fábio, um ecocaminhante que chegou ao grupo por meio do teatro narra sua trajetória religiosa:

Quando eu comecei no teatro eu era cético, ateu. Mas aí coisas foram acontecendo (...). Por exemplo, tem uma coisa que a gente faz no teatro que vem da yoga que é a saudação ao sol e, se tu imaginar que está saudando ao sol mesmo, parece que dá um tônus diferente no corpo. Isso dá outra disposição pra gente, aí o cético começa a ver que tem coisas que não sabe explicar como acontecem e aí tu não sabe se aquilo é psicológico, imaginativo... Aí é melhor tu aceitar assim, se tu aceitar assim o resultado é melhor. (Fábio)

O relato de Fábio atribui ao contato com a natureza, investida da capacidade de emanar “boas energias”, a aquisição de um “tônus diferente” em seu corpo. A possibilidade dessa aquisição, no entanto, está diretamente relacionada com a constituição de uma forma específica de engajar os sentidos na atenção. Isto é, a experienciação de uma natureza revitalizante, capaz de alterar o modo pelo qual o corpo do caminhante é percebido por ele mesmo, é resultado da incorporação de determinadas sensibilidades.

Ao lançar mão de uma modalidade de experimentação da natureza – “corpo total” – que não esteja restrita a um determinado sentido, procura-se dar conta de descrições como a de Fábio que elabora um relato fenomenológico pautado no modo pelo qual percebeu, naquela experiência, seu próprio corpo.

Por fim, vale destacar que o esforço em empreender uma descrição sobre as experiências das caminhadas entre os ecocaminhantes, a partir do delineamento de alguns modos somáticos de atenção, é uma tentativa de explorar outras possibilidades da abordagem antropológica. Trata-se de buscar apontar para o corpo não como um texto possível de ser lido, mas como a própria condição para que os sujeitos se constituam enquanto tal.

CAPÍTULO IV – CAMINHANDO NUMA ASSOCIAÇÃO DE PEREGRINOS

4.1 O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Historicamente, as origens do Caminho de Santiago de Compostela remontam aos primeiros cinquenta anos da Era Cristã. Naquele período, o território atual da Espanha constituía-se como o próprio limite do Ocidente, sendo, por essa razão, uma meta no projeto de evangelização encabeçado pelos apóstolos após a crucificação de Cristo. Santiago teria chegado à Galícia e lá fundado a devoção à Virgem Pilar sem, contudo, conseguir converter muitas pessoas. Tempos depois retornou à Jerusalém onde foi preso e decapitado, por ordem do rei Herodes Agripa, tornando-se o primeiro dos apóstolos a morrer como mártir. Segundo a tradição, seus restos foram recolhidos por dois de seus discípulos que o levaram de volta para Espanha onde, a contragosto da rainha, o enterraram na região da Galícia. Apenas no século IX seu túmulo foi encontrado por um ermitão que, orientado por luzes no céu, chegou ao local em que estava a sepultura do apóstolo. A notícia chegou ao bispo local que ordenou a construção de uma capela que deveria ser guardada por doze monges agostinianos.

A partir do século X teve início a devoção dos cristãos à Santiago que passaram a peregrinar de diversos países da Europa em direção ao sepulcro do mártir. Após dez séculos, daquilo que alguns historiadores têm concebido como a primeira fase da devoção a Santiago, as peregrinações pela Rota Jacobea passaram por períodos diversos que tanto esbanjaram vigor – por exemplo, durante todo o século XII – quanto estiveram em franca decadência, como no século XVI.

O século XX é apontado como a sexta fase histórica da peregrinação. Durante esses cem anos dois períodos foram centrais na revitalização da rota de peregrinação que se formou até a cidade de Santiago. O primeiro deles foi a década de 1910 na qual pela primeira vez, desde 1558, um arcebispo visitou a catedral de Santiago. Esse fato marcou o início de uma revalorização da peregrinação por parte do alto clero da Igreja culminando noutro momento de significativa importância para a Rota Jacobea, a década de 1980. Neste período a imprensa europeia deu grande destaque ao Ano Jubilar Compostelano³⁷, em 1982, motivando muitas pessoas a realizarem a peregrinação. Ainda nesse ano, o papa João Paulo II visitou a Catedral de

³⁷ Os Anos Jubilares Compostelano são todos aqueles em que o dia de São Tiago, 25 de julho, é um domingo.

Santiago proferindo um discurso em que convocava os católicos a peregrinarem por um Caminho “que é a própria origem da Europa, símbolo de sua unidade e fidelidade à Cristo”³⁸.

A partir deste momento, Santiago de Compostela passou a ser, não apenas tema de filmes, livros e documentários internacionais, como também a receber o apoio do governo espanhol e de associações que começaram a surgir pelo mundo para difundir o Caminho em diversos países. O Caminho de Santiago, enquanto fenômeno religioso de longa duração teve uma alta capacidade de modificar-se com o passar do tempo adotando e abandonando uma série de padrões simbólicos, religiosos e culturais. Assim, visto no horizonte de sua trajetória histórica, a Rota Jacobea foi capaz de acumular práticas e experiências religiosas heterogêneas que, de algum modo, sedimentaram distintas estruturas de sentido que permanecem latentes naquele contexto.

4.2 O CAMINHO DE SANTIAGO NO BRASIL

No Brasil, o Caminho de Santiago se popularizou após a década de 1980, quando, além da visita papal – que contribuiu para que os católicos voltassem seus olhos para àquele local – também houve o lançamento do livro “O Diário de um mago” de Paulo Coelho que teve grande impacto no país³⁹. O expressivo aumento no fluxo de peregrinos brasileiros pelo Caminho, no entanto, se consolidou apenas no final da década de 1990. Isso por conta de um movimento que envolveu diversas Federações dos Amigos do Caminho de Santiago⁴⁰, a Oficina de Peregrinos e órgãos governamentais interessados no turismo. O objetivo era o de tornar o Ano Jubilar Compostelano de 1999 um marco na história do Caminho fazendo com que uma grande quantidade de peregrinos se dirigisse à Santiago de Compostela⁴¹. A partir desse empreendimento fundou-se, em 1998, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Associação dos Amigos do Caminho de Santiago no Brasil. No ano seguinte uma sede regional foi fundada em Porto Alegre.

³⁸ Fonte: www.vatican.va (consultado em 23/06/2008)

³⁹ Somente nos três últimos anos da década de 1980, “O diário de um mago” teve mais de cinco milhões de cópias vendidas no Brasil.

⁴⁰ As Federações dos Amigos do Caminho de Santiago são as representantes nacionais das Associações dos Amigos do Caminho de Santiago.

⁴¹ O ano de 1999 foi registrado como o período em que a cidade de Santiago recebeu o maior contingente de peregrinos da história. Segundo dados fornecidos pela Oficina de Acogida de Peregrinos (www.archicompostela.org), em 1998, 30.126 peregrinos estiveram em Santiago, número que em 1999 passou para 154.613 peregrinos

No estatuto de fundação da Associação gaúcha, o grupo define-se da seguinte maneira:

A ACASARGS, tem por objetivo e finalidade, a reunião de pessoas físicas, jurídicas e filantrópicas, que realizaram ou que manifestem interesse em conhecer, pesquisar ou fazer a peregrinação a *Santiago de Compostela, na Espanha*, promovendo a troca de informações e o intercâmbio cultural, sociológico e experimental, bem ainda, todo e qualquer subsídio ou material informativo que busque recriar culturalmente o Caminho de Santiago de Compostela, sob o ponto de vista histórico, religioso, artístico, arquitetônico e humanístico.⁴²

Apesar de ser o aspecto predominante nesta descrição, a ACASARGS não é apenas um canal de comunicação entre aqueles que se interessam pelo Caminho de Santiago. Essa organização constitui-se como uma espécie de representante oficial de tudo o que estiver relacionado à Compostela no Estado. Atribuindo a si mesma as prerrogativas desse domínio e reforçando em diversos âmbitos sua posição. Em documento publicado pela Federação Espanhola das Associações dos Amigos do Caminho de Santiago, propõe-se que as Associações nacionais e locais se concebam como “consulados” do Caminho, devendo “sempre se manter atentas a grupos que pretendam desvirtuar os verdadeiros valores de Santiago”⁴³. Especialmente em quatro tópicos da seção estatutária que define os objetivos específicos das Associações pode-se perceber esse caráter de oficialidade que tais grupos buscam se auto-aferir.

A Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul tem por finalidade:

- Lograr que sejam mantidos os sentimentos de solidariedade e hospitalidade inerentes ao espírito que reina entre os Peregrinos e demais pessoas envolvidas diretamente com o Caminho de Santiago, sua arte, arquitetura, seus valores culturais e naturais;
- Defender perante os órgãos públicos, empresas privadas e através dos meios de comunicação, a proteção dos diversos trechos e vias do Caminho de Santiago, sua arte, arquitetura, seus valores culturais e naturais, além da proibição de formas de uso inadequado e exploração destrutiva que possam afetar sua integridade;
- Organizar e promover eventos de estudo, esclarecimento e orientação e campanhas relacionadas ao Caminho de Santiago;
- Ser o órgão representativo do Brasil junto às federações e associações nacionais e estrangeiras, representativas do Caminho de Santiago, além de organizações

⁴² Fonte: www.santiagoperegrino.com.br (consultado em 23/09/2009)

⁴³ Fonte: www.caminosantiago.org (consultado em 11/09/2009)

governamentais e não governamentais, zelando pelo interesse dos peregrinos brasileiros;

Tendo como sede atual a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, situada no bairro Rio Branco em Porto Alegre, a ACASARGS é uma Associação sem fins lucrativos dirigida por uma diretoria escolhida anualmente por votação dos associados. Além de ter frequência comprovada nas atividades do grupo, cada sócio deve contribuir com uma taxa anual. O que lhes dá o direito tanto ao voto como a se candidatar a algum cargo diretivo da Associação. Mensalmente ocorre uma reunião do grupo, na qual os peregrinos que recentemente tenham chegado de Santiago dão seus depoimentos, bem como aqueles que estão se preparando para a peregrinação recebem dicas sobre preços de passagens, melhor época para ir, equipamentos, etc.

A escolha da diretoria é um momento de tensão entre os sócios do grupo. A eleição de uma chapa ou outra tem implicações diretas na quantidade de caminhadas que serão realizadas durante o ano, no tipo de atividades que serão levadas a cabo, na escolha dos locais em que ocorrerão as caminhadas e na maior ou menor explicitação de referências religiosas nas atividades. Em alguns anos, por exemplo, todas as caminhadas promovidas pela ACASARGS iniciavam-se com a celebração de uma missa, noutros apenas com a leitura da benção do peregrino. Já a atual diretoria optou por não manifestar, conforme apontou Silvana, a presidente do grupo, “nenhum ato de fé antes das caminhadas”.

4.3 TURISMO, RELIGIOSIDADE E MERCADO ENTRE OS PEREGRINOS

Há uma espécie de perfil dominante no tipo de passeios promovidos pela ACASARGS. Grosso modo, a maior parte dos passeios ocorrem em paisagens que reproduzem, em alguma medida, aquela experienciada em Santiago. Isto é, embora ocorram em diversos locais, as caminhadas da Associação têm duas características relativamente permanentes. A primeira delas é que todas são caminhadas em estradas rurais com poucos ou nenhum momento em que os peregrinos tenham que atravessar trilhas em mata fechada, por exemplo. Outra característica é que a maior parte dos trajetos percorridos estão entre 20 e 25 quilômetros de caminhada que é, propriamente, a média de quilômetros percorridos pelos peregrinos durante o Caminho espanhol

diariamente. Trata-se, portanto, de um esforço, por parte dos organizadores dos passeios, em “reproduzir” alguns aspectos daquele trajeto.

A Associação é pra isso. A gente se esforça pra que o peregrino lembre o que viveu em Santiago aqui conosco. Não é sempre que dá pra ir pra Santiago e pra manter viva essa chama, a gente caminha aqui como se fosse lá. Claro que não é a mesma coisa, mas ajuda a manter viva a chama. E isso também é muito importante pra quem está se preparando pra ir pela primeira vez, sabia? Assim a pessoa já se acostuma. A gente, da diretoria, podia caminhar em muitos lugares, sabe? Mas a gente se esforça pra proporcionar essa sensação pro peregrino (Marcos)

Ao contrário de grupos de ecoturismo em que há um número limitado de vagas e em que o atendimento personalizado é um indicativo de bom serviço, nas atividades da ACASARGS, o sucesso dos passeios organizados pelo grupo é medido pela quantidade de inscritos, tendo como limite mínimo de participantes quarenta pessoas. Essas atividades são divulgadas por meio de uma página na internet e por e-mails enviados previamente às datas das atividades – sejam elas caminhadas, reuniões ou missas de partida e acolhida de peregrinos.

As caminhadas do grupo ocorrem sempre em um único dia, normalmente domingo. Com um baixo custo, esses passeios conduzem peregrinos em ônibus cedidos, na maior parte das vezes, pelas prefeituras dos locais onde a caminhada será realizada.

Nosso objetivo não é ganhar dinheiro, mas sim levar os peregrinos pra caminhar. A gente tenta fazer parceria com as prefeituras, com as paróquias para elas darem pra gente algum apoio, com um ônibus ou um café da manhã, por exemplo. Mas tudo isso é pra baixar o preço, pra que todo mundo possa caminhar. A gente não faz caminhada de dois dias porque o pessoal tem que trabalhar no sábado e porque, aí, já ia começar a ficar caro. (Pedro)

Com uma média de setenta inscritos em cada caminhada, o grupo tem como ponto de encontro o centro de Porto Alegre de onde saem, normalmente, em dois ônibus seguidos por alguns carros de membros da diretoria. Tanto o trajeto de ida, como o da volta são utilizados pelos coordenadores da ACASARGS para dar avisos e fazer propagandas de eventos que estejam relacionados com o Caminho de Santiago. Transcrevo uma nota tomada na saída de campo que realizei com o grupo para a cidade de Santo Antônio da Patrulha/RS:

Antes mesmo de o ônibus começar a andar, Fernanda, presidente da Associação, pegou um microfone e, pedindo a atenção de todos, deu o seguinte aviso: “Pessoal, como alguns de vocês já sabem, porque já avisamos na reunião de sábado, vai acontecer em setembro desse ano o primeiro curso de língua espanhola e de cultura do Caminho de Santiago de Compostela oferecido pela Universidade de Santiago de Compostela. [Nesse momento, algumas pessoas do ônibus começaram a aplaudir e assoviar]. Quem quiser ir tem que falar comigo até mês que vem. O Pedro vai distribuir agora um folheto pra cada um de vocês saberem do que se trata. Outra coisa, quem está indo pra Santiago no próximo mês aí? [quatro pessoas levantaram as mãos]. Eu trouxe a credencial do peregrino que, para quem não sabe, é o passaporte que o peregrino carimba durante o Caminho e marca os lugares por que passou. Quem estiver indo pode pegar ela comigo quando terminarmos a caminhada, a gente não cobra nada, só o custo da postagem, porque vem da Espanha, custa quatro reais.” Após Fernanda deixar o microfone, Marcos, membro da diretoria da ACASARGS e dono de uma editora que publica, exclusivamente, livros relacionados ao Caminho de Santiago tomou a palavra: “Olá escritores peregrinos, eu quero fazer um convite rápido pra vocês. Vocês sabem que nosso livro “Diários Peregrinos” esgotou rapidamente seus 1300 exemplares. Este livro tornou-se um marco na literatura peregrina porque teve características de antologia. Este livro registrou os desafios enfrentados pelos peregrinos que mostraram em seus relatos um mundo diferente, mais autêntico e mais natural que é o que vivemos em Santiago. Agora estamos com um novo trabalho, o livro “Relatos peregrinos” e vocês podem participar desse livro com quantas páginas quiserem. Pode ser foto, poema, relato, qualquer coisa. Quanto aos valores, são R\$ 70,00 cada página, no mínimo de três páginas. Se vocês escreverem mais de dez páginas cai pra R\$ 60,00. Vocês recebem três exemplares do livro por página que escrevem e ainda ganham uma Cruz de Santiago, exclusiva, banhada a ouro. Podem dividir o pagamento em quatro vezes. Quem se interessar, fala comigo.”

[Nota de 07 de julho de 2009]

Podemos pensar, entre outras coisas, que tais eventos apontam para um horizonte mais amplo de transformação do próprio catolicismo. A popularização do Caminho de Santiago de Compostela, conforme esbocei anteriormente, esteve intimamente relacionada com um projeto de Estado do governo espanhol e com um esforço por parte

de organizações civis dirigidas por peregrinos leigos. O que parece ficar patente, no caso de Santiago, é a perda do domínio sobre a peregrinação por parte da Igreja, a partir do momento em que essa passou a ser promovidas por Associações leigas espalhadas pelo mundo. O envolvimento de outros agentes como ONGs, Associações, secretarias de turismo e prefeituras escancaram a formação de um contexto complexo em que turismo, religião e mercado aparecem como elementos intrincados (Steil, Carneiro, 2008).

4.4 “QUEM DE VOCÊS É PEREGRINO?”

O Caminho de Santiago é o assunto predominante durante as caminhadas promovidas pela ACASARGS. Embora seja abordado sob diversos aspectos, a referência à Santiago é constante. Ela é, em geral, acionada por elementos que, nas caminhadas em questão, remetem a lembranças vividas durante a peregrinação à Santiago de Compostela. Em variadas ocasiões, ouvi referências, por exemplo, a uma árvore parecida com a que se viu durante a peregrinação, a uma bolha que surge no pé e no mesmo lugar de quando se fez o Caminho, ou mesmo à comida que, em Teutônia/RS, afirmava Paula, “é muito diferente de todas que tinha provado em Santiago”. A centralidade que o Caminho assume para a maior parte dos peregrinos que participa das atividades da ACASARGS evidencia-se rapidamente assim que se atenta para as formas como os sujeitos são apresentados e se apresentam naquele contexto.

Durante o trajeto de ida a uma caminhada em Viamão/RS, a presidente da ACASARGS pediu, ainda no ônibus, para que as pessoas dos bancos da frente se apresentassem ao grupo com o microfone:

Olá, meu nome é Juliana, já fiz o Caminho duas vezes, fui hospiteira uma vez e me formei na primeira turma do curso de língua espanhola e cultura do Caminho de Santiago (Juliana)

Eu sou Pedro, já fui três vezes ao caminho de Santiago e, neste ano, vou pela quarta vez (Pedro)

Eu sou Jorge e estou indo pra Santiago no mês que vem pela primeira vez (...)

Após as três primeiras apresentações, Silvana voltou-se para outros dois bancos, num dos quais eu estava sentado, e perguntou: “Quem de vocês é peregrino?”. Um pouco confusa com a pergunta Mônica, uma advogada que participava pela primeira vez de uma caminhada da ACASARGS, devolveu: “Como assim? O que é um peregrino?” Visivelmente encabulada com a situação Silvana respondeu: “Peregrino é quem já foi à Santiago”. A condição de peregrino, portanto, ao menos na definição dada pela presidente da Associação, cabe àqueles que já realizaram a peregrinação em Santiago de Compostela. Essa noção, no entanto, parece muito mais “escorregadia” quando atentamos para algumas falas de outros membros da diretoria e de participantes das caminhadas promovidas pela ACASARGS, ou, ainda para alguns documentos da Associação.

No registro de fundação da ACASARGS⁴⁴, o “público alvo” do grupo é assim definido.

Do público alvo da Associação;

A **ACASARGS** acolhe a todos, peregrinos ou aspirantes a tal condição, sem discriminação de raça, credo, nacionalidade, ou condição social, porém, que aportem no coração um mesmo ideal: *O da convivência pacífica, harmoniosa e de respeito ao próximo*. Gente assim já é peregrina de alma – embora, muitas vezes, ainda não tenha se dado conta disso! [grifos originais]

Essa descrição aponta para uma noção de peregrino na qual o compartilhamento de determinados valores ligados à tradição cristã são ressaltados. Além do “respeito ao próximo” e da convivência harmoniosa, outros elementos, tais como “solidariedade”, “equilíbrio de energias”, “respeito à natureza” e “encontro com o verdadeiro eu” são constantemente acionados na definição do que seja um peregrino.

Eu tive dor ciática na primeira semana do caminho, mas tive pessoas que me ajudaram muito. O que é bonito no Caminho é isso, lá as pessoas são muito solidárias, todo mundo se ajuda desinteressadamente. Tu sabe àquela música *Imagine* do John Lenon? Pra mim aquilo é o retrato do Caminho de Santiago. Imagina que não tem países, que não tem idiomas diferentes. Todo mundo se entende, todo mundo se comunica, todo mundo está com um objetivo comum que é ir pra Santiago. Isso é que é um peregrino, uma pessoa que participa de tudo isso, que está com as energias equilibradas, que consegue se encontrar com o verdadeiro eu (Juliana).

⁴⁴ Fonte: www.santiagoperegrino.com.br (consultado em 11/07/2009)

Olha, o peregrino pra mim tem que ter duas coisas. Tem que ser um cara da paz, tranqüilo e não pode ser um cara apegado as coisas materiais. Porque um peregrino de verdade não precisa de nada pra viver, só de sentimentos bons. E eu sempre falo, quanto mais a gente se desapega, mais repara na perfeição da natureza. Quem é peregrino mesmo e é desapegado, valoriza o natural, porque é aí que estão as coisas mais importantes, aí que está o que chamamos de Deus. Foi em Santiago que me dei conta disso, eu estava no meio de uma área linda e tinha só uma mochila e um tênis e não precisava de mais nada (Celso).

Depois que a gente volta de Santiago começamos a valorizar tudo o que nem dávamos bola, uma florzinha, uma planta que antes eu nem reparava agora presto atenção, sabe? Pra mim, aí está o maior ganho da peregrinação. Por isso que é algo espiritualista, a gente fica mais sensível a essas coisas (Marcos).

Um dos aspectos que constitui o horizonte de hipóteses deste trabalho é sugestão de que o Caminho de Santiago de Compostela conformou-se como *lócus* privilegiado para se observar de que maneira uma prática forjada no seio do catolicismo pode ser atravessada por uma série de elementos advindos de múltiplas direções. Isto é, trata-se de concebê-lo como um campo não apenas interseccionado como também capaz de absorver diversas práticas e experiências com pontos convergentes e divergentes do catolicismo. O conjunto polissêmico de definições do que seja um peregrino por parte dos integrantes da ACASARGS apontam para aquilo que, alguns autores das ciências sociais da religião, têm chamado de *Nova Era* (Amaral, 1999, 2000; Carozzi, 1999; Contempomi, 1999; Tavares, 2003).

A valorização do encontro com um “eu-verdadeiro”, o relevo dado à circulação de energias nos corpos e, sobretudo, a sensibilização a determinados elementos da natureza apontam para uma espécie de imbricamentos sincréticos, marcados pela apropriação de elementos característicos da modernidade religiosa numa prática identificada, a priori, com o catolicismo – como a peregrinação.

Ao que parece, a incorporação de sistemas de crenças religiosas afinadas com certo espírito Nova Era levou alguns peregrinos à sensibilização ecológica. A atenção à natureza, conforme apontou Celso, um de meus interlocutores, surgiu após sua experiência em Santiago, na qual pôde perceber que “aí que está o que chamamos de Deus”. O que sugiro, portanto, é que a peregrinação à Santiago de Compostela está atravessada por elementos característicos do ideário Nova Era. Esses atravessamentos permitiram que houvesse, nesse contexto, a incorporação de preocupações relacionadas ao meio ambiente por parte dos peregrinos.

Ao me conceder uma entrevista em sua casa, Juliana, uma peregrina de 59 anos, me relatou, ao som de uma música celta, sua relação com hábitos ecológicos.

A pessoa volta de Santiago e vira toda “natureba”. Não essas coisas de virar vegetariano, mas é que quando você está lá, com a natureza, percebe que esse contato permite tantas coisas bonitas, tanta harmonia com você mesmo e aí você quer preservar, entende? O pessoal não fala que Santiago transforma cada um de um jeito? Pra um monte de gente a transformação é essa. Vai pra Santiago e descobre como você pode se encontrar com o seu eu mais fácil naquela natureza linda, e aí a gente quer preservar (Juliana).

Desse modo, a incorporação de cuidados responsáveis com a natureza parece motivada, em alguma medida, pela tentativa, por parte dos peregrinos, de preservar esses espaços como potencializadores do contato com o sagrado.

Essas práticas e identificações, no entanto, também podem ser articuladas a partir das experiências corpóreas dos peregrinos nas caminhadas. Na próxima seção, buscarei tematizar dois aspectos já tratados – do que seja um peregrino e da relação estabelecida com a natureza – partindo dos corpos como meio de experimentação do contato com a natureza e do fazer-se peregrino.

4.4 AS EXPERIÊNCIAS DOS PEREGRINOS NUM CONTEXTO NOVA ERA

A corporeidade é um ponto de vista teórico-metodológico no qual a experiência corpórea é assumida como o próprio fundamento existencial da cultura e do sujeito. Nesta seção, procurarei por em foco a maneira pela qual alguns aspectos da prática da caminhada são articuladas nos corpos dos peregrinos. Trata-se de tomar como ponto inicial de análise, uma fenomenologia cultural das experiências corporeificadas pelos peregrinos para, desse modo, poder refletir sobre seus pertencimentos, sensações e sobre os sentidos postos em jogo na caminhada.

Ao narrarem as sensações corpóreas experienciadas quando se absorve as “boas energias” emanadas pela natureza, os peregrinos da ACASARGS elaboram descrições bastante próximas àquelas descritas pelos ecocaminhantes, analisadas no capítulo anterior: “leveza do corpo”, “sensação de relaxamento”, etc. Se, conforme sugerimos, os peregrinos da ACASARGS

estão atravessados por elementos caros ao ideário Nova Era, seus modos de corporeificar experiências tidas na natureza estarão, de alguma maneira, também sujeitas ao atravessamento desse ideário.

Ao que parece, a possibilidade de aproximar práticas ecológicas de práticas religiosas de caminhadas decorre do fato, dentre outras coisas, de ambas estarem em consonância com certas características da Nova Era. Assim, o surgimento de possíveis paralelos entre as experiências corpóreas tidas numa natureza investida de forças místicas e energéticas é indicativo do compartilhamento de determinadas estruturas de sentidos.

Os relatos de Fernanda e Mauro sobre suas experiências nas caminhadas apontam para alguns pontos convergentes entre Caminho de Santiago e uma natureza “sacralizada”.

Eu fiz uma vivência num spa holístico, em Caxambu, chamado *Chácara das Rosas* e foi muito legal. Lá conheci algumas pessoas que me sugeriram fazer o Caminho de Santiago. No mesmo ano decidi ir e amei. Isso já faz cinco anos e agora sou presidenta da Associação. Lá eu aprendi a me conectar com o ambiente e tirar proveito disso. Exercitei muito isso em Santiago (Fernanda).

Eu não sou um cara religioso, não. Agora, o que existe são energias. A gente sente isso quando caminha e em Santiago isso é muito, mas muito forte. Isso é porque tem lugares que tem mais e outros que tem menos energias, em Santiago tem muita e nas caminhadas da Associação também. É que a coisa toda tá na natureza (Mauro).

Embora descrições como essas façam, comumente, referências a presença de energias na natureza, o “aproveitamento” dessas está, para alguns peregrinos, condicionadas a incorporação de determinadas sensibilidades presentes, sobremaneira, no Caminho de Santiago.

Essas caminhadas da Associação fazem muito bem para mim, sabe? Aí eu decidi trazer um primo que estava passando por umas dificuldades pra caminhar, mas ele não gostou de quase nada, só do almoço no final. É que tem que ser peregrino mesmo pra poder aproveitar essas caminhadas, sabe? Tentei forçar e não deu certo (Marcos).

O que parece estar em jogo na fala de Marcos é o estabelecimento de uma relação entre ser um peregrino e poder “aproveitar” as benesses da caminhada. Essa “identidade peregrina”, contudo, conforme já abordamos, parece estar caracterizada por elementos difusos. Embora a ida à Santiago seja, sem dúvidas, o principal desses elementos há uma série de outros possíveis nessa identificação. Algumas observações realizadas durante a experiência das caminhadas da ACASARGS possibilitam pensarmos essa identificação não a partir da convergência de

significados ou de subjetividades, mas sim por meio do compartilhamento de modos específicos de situar o corpo na prática da caminhada.

Durante uma atividade da ACASARGS em Viamão, por exemplo, Celso e Silvana se encarregaram de me apresentar à Cíntia dizendo que, apesar de nunca haver ido à Santiago, bastava olhar para o jeito que eu caminhava para constatar que se tratava de um quase peregrino. Noutra caminhada, enquanto discutíamos sobre as próximas eleições da Associação, Pedro apontou para uma das candidatas à presidência, da chapa contrária a sua, dizendo “dá pra ver que não é peregrina de verdade só pela passada da pessoa. E ainda quer ser presidente”.

O que parece estar indicado nessas falas é o reconhecimento, por parte dos peregrinos, daqueles que detêm uma *hexis* corporal específica, um conjunto de respostas corporais características. A atividade da caminhada e, nesse caso, a caminhada entre peregrinos constitui-se, sobretudo, como um saber-agir apreendido de modo prático e coletivo. O reconhecimento de um peregrino enquanto tal é, antes de tudo, um reconhecimento daquilo que é indizível e que, por isso, não pode ser transmitido por meio de uma explicitação oral, mas que está expresso nos movimentos, nos corpos. O fato de dois peregrinos me posicionarem, numa grade de classificação daqueles que caminham, como um “quase peregrino” é consequência de um lento aprendizado corporal que os trabalhos de campo com os peregrinos me proporcionaram. Ao caminhar e deixar que as forças “nativas” também me afetassem sem, contudo, buscar tornar-me um peregrino, mas tratando dessas afecções do campo como dados para a textualização dessas experiências, terminei por incorporar, segundo eles, “um tipo de passada”, uma forma específica de caminhar. Assim, se, conforme escutei inúmeras vezes nas caminhadas da Associação, “peregrinar é rezar com os pés”, ser peregrino e ser reconhecido enquanto tal é, antes de tudo, saber conduzir os pés para que se possa rezar como um “peregrino de verdade”.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho tenho a impressão de ter esboçado um ligeiro retrato etnográfico da experiência que tive nesses quase dois anos de “caminhada”. Um retrato que não dá conta nem de velhas nem de novas questões, mas que aponta, ainda que parcamente, para diferentes possibilidades de descrições. Uma tentativa de compor a narrativa etnográfica a partir de outras estratégias de textualização, como a descrição dos sentidos, o que, caso bem sucedida, não fornece respostas, mas, sobretudo, perguntas, que antes não podíamos vislumbrar.

É essencial, no entanto, que essas descrições textuais sejam aprimoradas noutros trabalhos. Realizá-las exige um esforço duplo, primeiro para se desprender de um formato narrativo com o qual nos habituamos após tantas produções que privilegiaram o semântico ao corpóreo, que reforçaram a primazia da mente sobre o corpo. Uma vez superado esse aspecto, ainda que considere o termo superado pretensioso demais, resta o desafio de buscar descrever a partir das sensações, mesmo tendo a disposição um reduzido arcabouço de categorias antropológicas, e mesmo de vocabulário corrente, para tal empreitada. Por ora, minhas tentativas foram no sentido de elaborar algumas notas etnográficas que fugissem das descrições objetivistas de cadeias causais e que, ao mesmo tempo, escapassem de um subjetivismo paralisante.

Desde esse tipo de concepção, o trabalho de campo termina por se constituir como elementar para a textualização das experiências pesquisadas. Fui convocado a caminhar, a dispor meu próprio corpo naquele contexto e permitir que se modificasse nessa prática. Após mais de dez caminhadas, corporifiquei algumas dimensões compartilhadas entre peregrinos e ecocaminhantes sem, contudo, tornar-me um deles, mas tratando essa experiência como “dado” digno de ser explorado para além das pautas do diário de campo. Para escrever esta monografia me deparei constantemente com os desafios de levar à cabo esses posicionamentos que, embora não tenham sido em todos os momentos verbalizados, sempre estiveram presentes.

Num esforço de síntese pontuo para duas frentes de investimentos que este trabalho procurou atuar. Uma delas foi a de estabelecer possíveis interfaces entre as esferas do ecológico e a do religioso. Esses dois domínios de ação social arregimentam grupos e indivíduos que se identificam com cada uma dessas causas. Durante toda a elaboração da narrativa etnográfica e das análises apontadas ao longo do trabalho, busquei evidenciar a porosidade entre estes domínios, a existência de práticas e pertencimentos múltiplos que, longe de serem auto-

excludentes, compõem um complexo emaranhado de sentidos e experiências em cada um dos grupos estudados. Assim, ao tomar como um dos universos empíricos a experiência de “ecocaminhadas”, procurei destacar de que modo a emergência de discursos e práticas ecológicas podem apontar para a novas sensibilidades que apenas deslocam o sagrado para outras paisagens. Mesmo fora de um domínio explicitamente religioso, essas práticas não se conformam como eventos “desencantados”, mas sim carregados de experiências místicas. Já a partir de um grupo de peregrinos, procurei apresentar o modo pelo qual a transformação no panorama religioso também produz efeito sobre a forma como se relacionam com a natureza. A “descoberta” de um potencial “encontro” com o sagrado, na natureza, fez com que alguns peregrinos passassem a cultivar hábitos responsáveis com o meio ambiente.

São inúmeras as possibilidades de abordagens a essa problemática. Optei por adotar uma perspectiva teórico-metodológica que tomasse o corpo como ponto de partida da descrição, e essa foi a segunda frente de investimento. Isto é, não procurei apresentar, indiscriminadamente, possíveis pontos de articulação entre o ecológico e o religioso nos universos pesquisados. Mas, busquei fazê-lo desde as experiências corporais dos caminhantes e as minhas próprias. Recorri, por exemplo, a descrição freqüente de “purificação” e “bem estar” para falar sobre fluxos místicos e energéticos, experimentados na natureza, que caracterizam algumas manifestações afinadas com a Nova Era. Desse modo, busquei na experiência da “exaustão física” um elemento para a valorização, ou desvalorização, de um roteiro. Enfim, busquei textualizar o tensionamento entre o que é ecológico e o que é religioso a partir dos corpos dos caminhantes que, conforme procurei salientar ao longo de todo o trabalho, borram as fronteiras das categorias na experimentação do mundo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

———. Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: CAROZZI, Maria Júlia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

AMIROU, Rachid. *Imaginaire touristique et sociabilités du voyage*. Paris, Presses Universitaires de France, 1995.

Bourdieu, Pierre. *Razões prática : sobre a teoria da ação*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008. CAMPBELL,

Collins. *A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio*. Religião e Sociedade, v. 18, n. 1, p.:5-22, 1997.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente e Sociedade*. 2008, vol.11, n.2, pp. 289-305

COLEMAN, Simon; EADE, John. *Reframing pilgrimage: cultures in motion*. 2004: London; New York: Routledge

CONTEPOMI, Maria del Rosário. Nova Era e pós-modernidade: valores, crenças e práticas no contexto sociocultural contemporâneo. In: CAROZZI, Maria Júlia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAROZZI, Maria Júlia. Nova Era: a autonomia como religião. In: CAROZZI, Maria Júlia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago*. São Paulo: CNPq/Pronex: Attar, 2007.

CLASTRES, P. *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CSORDAS, Thomas J.. *Corpo/ significado/ cura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1966.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996..

EADE, J. , M. J. SALLNOW, Eds. (1991). *Contesting the Sacred: the Antropology of christian pilgrimage*. London and New York, Routledge.

FERRY, Luc ,GAUCHET, Narcel. *Depois da Religião*.Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

- FREY, Nancy Louise. *Pilgrim Stories: on and off the road to Santiago*. California: University of California Press, 1998.
- GRABURN, Nelson. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, V. (Ed.). *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. 2nd ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 21-36.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. *La religion pour mémoire*. Paris: Éditions du Cerf, 1993.
- . *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. London/Nwe York: Routledge, 2000.
- . Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação” In: *Religião e Sociedade*. 2005. V. 25, n 1, (p. 76–110)
- MAUSS, M. *As técnicas do corpo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003
- MAGNANI, J.G.C. O circuito neo-esotérico na cidade de São Paulo. In: CAROZZI, Maria Júlia. *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- . *Mystica Urbe*. São Paulo: Prêmio Nobel, 1999
- MANIERI, Guilherme. *Perfil dos praticantes de caminhadas ecológicas: um estudo exploratório-descritivo*. Monografia de Conclusão de Curso. UFRGS:2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- . *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- SIQUEIRA, E.D. *Ritual, turismo e cultura: o aeroporto do Galeão como lugar de passagem*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais. São Paulo: Intercom, 2006.
- STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. Peregrinação, turismo e nova era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*, 2008, v.28, n.1, pp. 108-124.
- STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. *Religião e Sociedade* 19 (2):61-76. 1999.
- . Uma antropologia da peregrinação e do turismo religioso. Algumas questões teóricas e metodológicas. *Imaginário (USP)*, EDUSP, v. 8, n. 8, 2002.
- . Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. ABUMANSSUR, Edin Sued (org.). Campinas: Papyrus, 2003
- . Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre (RS). *Religião & Sociedade*, v. 24, n. 1, p.11-36, 2004.

- . Os demônios geracionais. A herança dos antepassados na determinação das escolhas e das trajetórias pessoais. In: DUARTE, L. F. D. H.; BARROS, Maria Luiza; LINS, Myriam; PEIXOTO, Clarice. *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- . Peregrinação. In: Bortolletto, Fernando Filho; Souza, José Carlos; Kilpp, Nelson. (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*, 2008, v. , p. 782-785.
- . Peregrinações e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: BARRETTO, Margarita; STEIL, Carlos Alberto et alii. *Turismo e antropologia: novas abordagens*. Papirus: 2009. No Prelo
- SOARES, Luiz Eduardo. *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.
- TURNER, Victor; TURNER, Edith. *Image and pilgrimage in Christian culture*. New York: Columbia University Press, 1978.
- . *O processo ritual : estrutura e antiestrutura*. Petropolis: Vozes, 1974.
- . *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Ed. UFF, 2008.
- TAVARES, Fátima. Nova Era: Circuitos e especificidades locais e regionais. In: *Religião e Sociedade*, n. 20, v. 1. 2003.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- URRY, John. *O olhar do turista : lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC, 2001.
- WACQUANT, Loic. *De corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.